



Inclusão da diferença



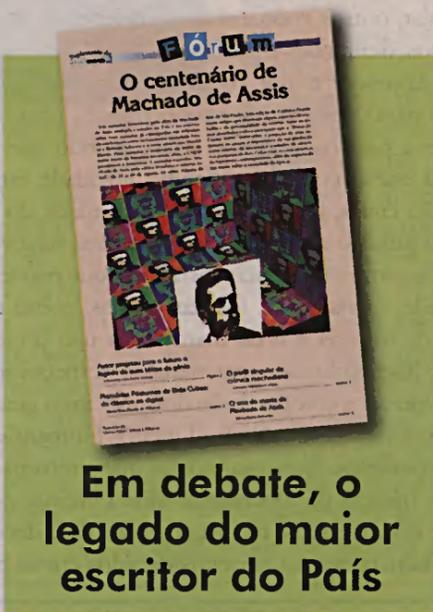
Especialistas oferecem cursos e auxílio para que as escolas de ensino fundamental e médio atendam às necessidades de crianças e jovens portadores de necessidades especiais, além de prestar vários serviços à comunidade. **Págs. 8 e 9**

Capes premia pesquisas de Botucatu, Jaboticabal e Rio Claro

Pág. 3

Testes mostram adulteração de mel de apiários e supermercados

Pág. 5



Em debate, o legado do maior escritor do País

Cartazes levam física de partículas para todas as escolas do Brasil

Pág. 11

A visão de Euclides da Cunha sobre o potencial da Amazônia

Pág. 16

○ PDI e o futuro da Universidade

A Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior e, para as Instituições de Ensino Superior (IES), a necessidade de elaborar seu planejamento estratégico e formalizá-lo por meio de seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Esse instrumento passou a integrar o rol de exigências do Ministério da Educação para processos de autorização de cursos superiores, credenciamento e também de solicitações de recursos. O PDI deve explicitar a filosofia de trabalho de uma IES, a missão a que ela se propõe, as diretrizes pedagógicas que orientam suas ações, sua estrutura organizacional e as atividades acadêmicas que desenvolve e pretende desenvolver.

Essa exigência legal possui, no entanto, uma importância que transcende seu papel de condição necessária ao bom relacionamento com o MEC e, por extensão, com a esfera federal. Sua elaboração exige não só um diagnóstico de riscos, pontos fortes e oportu-

nidades, mas também uma visão de futuro com base em cenários futuros possíveis.

No caso da UNESP, a elaboração em curso de nosso PDI considera, por um lado, os fatores que caracterizam a excelência acadêmica, principalmente no que se refere aos indicadores de desempenho adotados por organismos internacionais, compatibilizando os propósitos das áreas mais fundamentais do conhecimento e os daquelas mais voltadas às aplicações. Por outro lado, são contempladas também demandas por parte de diversos segmentos da sociedade, geralmente pouco sensíveis à nossa responsabilidade de produzir parte significativa da pesquisa científica brasileira de nível internacional. Entre essas demandas destaca-se a inclusão social no ensino superior.

Considerados sob um horizonte de referências de curto prazo e fortemente influenciados pela história originada de diversos institutos isolados, esses dois pólos de desafios tendem a parecer antagônicos, centrifugadores de recursos e pulverizadores de

prioridades. Porém, eles podem ser trabalhados à luz de sólidas diretrizes institucionais, que evitem propósitos conflitantes e permitam a concentração sinérgica de esforços com base em princípios, valores éticos e convicções universitárias.

Desse modo, a elaboração em curso de nosso PDI contempla o desafio de estabelecer missão institucional, objetivos e metas focados nos desafios já citados. E, acima de tudo, norteados pelos princípios estatutários de democracia interna, de representatividade de todos os segmentos nos órgãos colegiados, de respeito às decisões dessas instâncias, de gratuidade do ensino público e de autonomia didático-científica e de gestão financeira, orçamentária e patrimonial. Por ser essa uma iniciativa originada dos órgãos colegiados superiores, e com um horizonte de 10 anos, ela se reveste de um caráter institucional que se sobrepõe tanto à presente gestão como às futuras, tornando-se um conjunto de metas a serem buscadas por todos os segmentos que compõem nossa comunidade universitária.

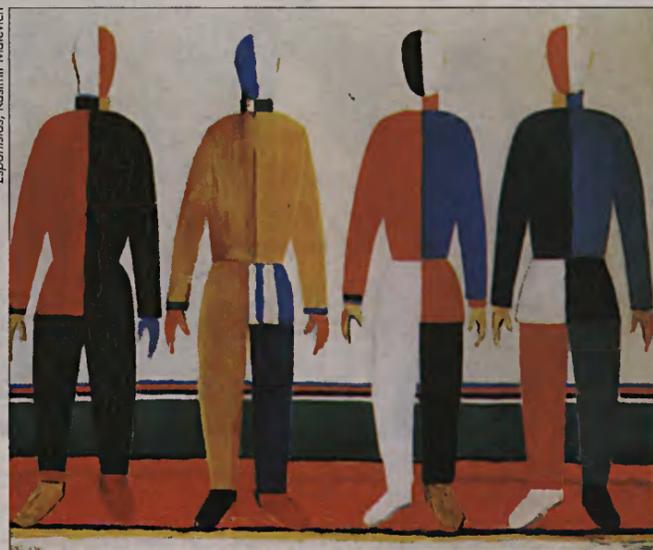
■ **Opinião**

Educação, cidadania e direitos humanos: a experiência francesa

ALONSO BEZERRA DE CARVALHO

Neste ano de 2008, comemoraremos os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 10 de dezembro de 1948 pela ONU. O desafio posto a cada um de nós na atualidade centra-se na observação de como estamos traduzindo para a nossa realidade os princípios gerais contidos nela. A partir dos ideais que sustentaram a Revolução Francesa, os direitos humanos e a cidadania entram no cenário internacional como meio de se construir e instaurar no seio das sociedades instrumentos que visem garantir a liberdade, a igualdade e a dignidade dos homens. Nesse sentido, tais conceitos têm sido utilizados nos mais diversos lugares, pelas mais diversas ciências e com significados e finalidades nem sempre coerentes. O mesmo acontece com a ética. Inflacionando-os, tanto o grande público, como os especialistas têm falado e interrogado demasiadamente sobre quais valores ou doutrinas são tomados hoje como fios condutores das atitudes humanas. É suficiente ficarmos atentos aos jornais, TVs, rádios e Internet para encontrarmos assuntos abordando tal crise de valores, ou a necessidade de se estabelecerem novas posturas para os homens, uma vez que as atuais já não condizem com as exigências da sociedade contemporânea.

Em estágio docente em nível de pós-doutorado realizado na França no ano de 2007, pudemos observar como o sistema de ensino daquele país tenta implantar uma educação fundada sobre os grandes princípios da Declaração. As práticas pedagógicas, o conjunto das disciplinas e os conteúdos ministrados são norteados por valores que visam formar no espírito do educando atitudes cidadãs, isto é, que tenham consciência e ajam como membros de uma comunidade política, gozando de certo número de direitos e deveres. República, democracia e laicidade, idéias que postulam a defesa da cidadania e de novos parâmetros para a convivência humana, passam a exigir de todos a sua transformação em ação. Embora o século XIX



seja representativo desse movimento, é na passagem para o século XX que encontramos a sua melhor sistematização. No entanto, é mais perto de nós – final do século XX e início do século XXI – que o tema educação cívica adquire na Europa, e na França em particular, outros contornos, estabelecendo-se novos objetivos, definições e práticas. [...]

[...] Aprender e agir como cidadão tornou-se um desafio para o sistema de ensino francês, para os professores e para os alunos. É nesse sentido que se implantou como conteúdo e como atividade escolar a educação cívica, jurídica e social. Abordada do ponto de vista jurídico a cidadania adquire uma relativa consistência como experiência formativa, que não tem por finalidade, obviamente, formar juristas, como o professor de história e o de matemática não pretendem formar historiadores e matemáticos, respectivamente, mas favorecer a compreensão dos princípios gerais que constituem a Declaração dos Direitos Humanos.

A experiência francesa mostra que a retomada das noções básicas da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e os documentos dela decorrentes podem, portanto, ser considerados como pontos

de partida para a implantação de uma educação para o civismo e para a cidadania. [...] Se a república romana e a cidadania grega da antiguidade contêm elementos referenciais para o campo do direito, a modernidade, redefinindo-os, constrói um novo paradigma, consagrando à liberdade individual e à noção de homem universal o centro de suas reflexões. Os direitos do homem como fontes de todos os outros direitos, portanto, não podem ser deduzidos e reduzidos a uma simples declaração, mas traduzidos em instrumentos que garantam as liberdades civis, excluindo a possibilidade de opressão e conferindo ao cidadão, através de modos de participação, um poder essencial de governar seu próprio destino, isto é, tomando consciência dos acontecimentos, decidindo sobre o que é útil e nocivo e estabelecendo fins fundados na liberdade de escolha. Transcendendo o indivíduo empírico, que conhece somente os interesses particulares, o exercício da cidadania nos leva a considerar o interesse geral, descobrindo na finitude de nossa existência singular uma dimensão de universalidade. Em suma, uma educação à cidadania e para o civismo, materializando conceitos universais, pode se apresentar como a condição mesma da realização no homem de sua humanidade: do indivíduo singular ao cidadão, do cidadão ao homem, este é o trajeto.

(A íntegra deste artigo está no endereço <http://www.unesp.br/aci/debate/francesa.php>)

(A íntegra deste artigo está no endereço <http://www.unesp.br/aci/debate/francesa.php>)

Alonso Bezerra de Carvalho é professor do Departamento de Educação da UNESP/Assis e do Programa de Pós-Graduação em Educação do UNESP/Morilo. alonsobc@assis.unesp.br

Este texto não reflete necessariamente a opinião do Jornal UNESP.



Capes premia 3 teses da UNESP



Três pesquisas da UNESP ficaram entre as vencedoras da edição 2007 do Prêmio Capes de Tese, que distingue os melhores trabalhos de doutorado de programas reconhecidos pelo MEC. Os estudos premiados são dos campi de Rio Claro, Botucatu e Jaboticabal, nas áreas, respectivamente, de Geociências, Medicina e Zootecnia/Recursos Pesqueiros.

GEOCIÊNCIAS

Um novo modelo de exploração de jazidas

Baseada em 20 anos de estudo, proposta explica características peculiares de área em Minas Gerais

A pesquisa de mais de 20 anos de Thomas Lafayette Brenner em uma jazida mineral no sudoeste do Estado de Minas Gerais conquistou o primeiro lugar na categoria Geociências do Prêmio Capes. Com o título *A jazida de níquel, cobre e platinoídes de Fortaleza de Minas: aspectos tectônicos, vulcanológicos e tipos de minérios*, o doutorado foi defendido no Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro, com a orientação do professor Sebastião Gomes Carvalho.

Na sua tese, Brenner analisa as características geológicas e químicas que diferenciam a jazida de Fortaleza de Minas de outros depósitos minerais descritos na literatura. “Desde sua descoberta, em 1982, a jazida não se encaixava em nenhum modelo clássico”, diz Brenner.



Farmação de Fortaleza de Minas é um raro exemplo de depósito de níquel formada por lago de lava

“E, a partir dos dados obtidos, propusemos um novo modelo exploratório para esse tipo de jazida.”

A formação do depósito de Fortale-

za de Minas se destaca como um raro exemplo de depósito de níquel formado por lago de lava, contrastando com a grande maioria dos depósitos de ori-

gem vulcânica desenvolvidos a partir de canal de rio de lava. Essa gênese alterou as características geoquímicas da jazida. “Os modelos existentes nos dizem que depósitos de níquel são encontrados em terrenos com baixa concentração de cromo”, explica o geógrafo. “Contudo, em Fortaleza, temos uma fonte de níquel mesmo com uma alta concentração desse outro metal.”

Brenner alerta que, se as empresas utilizarem o critério de baixo cromo para qualificar as jazidas, “podem abandonar depósitos de níquel”. Dentro do novo modelo, além da relação cromo-níquel (Cr-Ni), são analisadas nesse depósito a relação cromo-óxido de magnésio (MgO), também alterada, e deformações intensas na sua constituição geológica.

Daniel Patire

MEDICINA

Testes avaliam vacina gênica antituberculose

Na área de Medicina, Ana Cláudia Pelizon recebeu o Prêmio Capes, com a investigação sobre as características e a eficácia da resposta imune – ou seja, a produção de anticorpos – induzida pela vacina gênica para tuberculose em camundongos recém-nascidos. O estudo foi defendido na Faculdade de Medicina em Botucatu.

Orientada pela professora Alexandrina Sartori, do Instituto de Biociências, câmpus de Botucatu, Ana Cláudia analisou diferentes estratégias vacinais em camundongos de 5 a 19 dias de vida, comparando com espécimes adultos (5 a 6 semanas de idade). “Os neonatos têm uma resposta imunológica diferente das obtidas com animais adultos”, comenta Ana. “Daí a importância de nosso estudo, pois a imunização à *Mycobacterium tuberculosis* (o agente da tuberculose) é feita em crianças recém-nascidas.”

O trabalho teve o apoio do professor Célio Silva, da USP de Ribeirão Preto, que estudou os efeitos da vacina gênica em camundongos adultos. As vacinas gênicas são feitas a partir da clonagem de genes ou fragmentos de genes, relacionados à ação patogênica dos microrganismos – no caso da tuberculose, o gene DNAhsp65.



Ana usou camundongos recém-nascidos

A estratégia com melhores resultados utilizou a vacina BCG – usada na imunização humana – nos neonatos, com a aplicação da vacina gênica nos adultos. “Neste contexto, vários parâmetros precisam ainda ser avaliados: dose, via de imunização, idade do animal vacinado, possibilidade de associação com outras vacinas e uso de outras substâncias que aumentem a resposta imune”, explica.

(D.P.)

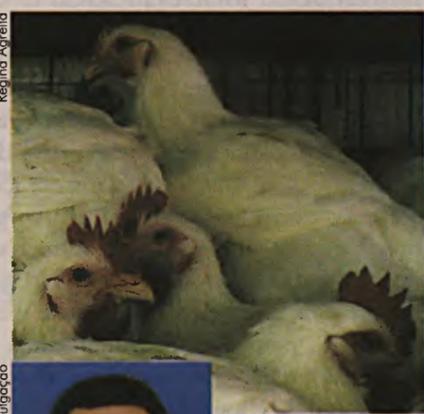
ZOOTECNIA

Modelo matemático melhora desempenho de granjas

Em sua tese, Daniel Emygdio de Faria Filho desenvolveu modelos matemáticos que permitem ao criador determinar o nível de proteína na ração dos frangos e a idade de abate capazes de maximizar lucros. O estudo recebeu o Prêmio Capes de Tese, na área de Zootecnia/Recursos Pesqueiros.

Faria Filho defendeu sua tese na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, câmpus de Jaboticabal, sob a orientação do professor Renato Luís Furlan. O trabalho reúne três pesquisas voltadas para verificar os aspectos produtivos, metabólicos, econômicos e ambientais da nutrição protéica para frangos de corte expostos ao calor. “Elas constatarem que o estresse por calor prejudica o desempenho, aumenta o teor de gordura nos cortes comerciais e a proteína – nessas condições – aumenta a excreção de nitrogênio para o ambiente”, afirma.

Para diminuir os riscos de perda na produção e os danos ambientais causados pela excreção de nitrogênio, o autor e sua equipe desenvolveram modelos matemáticos que permitem estabelecer a quantidade de proteína que os animais devem receber. Es-



Estuda de Faria ajuda a determinar nível de proteína na ração e idade de abate

ses modelos apresentam grande flexibilidade, permitindo modelar mais de um fator (como sexo, linhagem, níveis nutricionais, temperatura ambiente) simultaneamente, por meio de polinômios de primeira, segunda e demais ordens. “Com os modelos desenvolvidos, é possível determinar os níveis de proteína, a temperatura de criação e a idade de abate”, afirma Faria Filho.

(D.P)



Salas de aula de madeira

Proposta de Itapeva busca mostrar que projeto é tão resistente quanto os similares de alvenaria

Duas salas de aula erguidas com o sistema de construção leve em madeira (Light Wood Frame) foram inauguradas no câmpus de Itapeva, em dezembro. A adoção desse processo, já utilizado na América do Norte, na Europa, no Japão e na Austrália, integra o Projeto Educação em Madeira, liderado pelo docente Guilherme Corrêa Stamato. Segundo o professor, o uso desse material como elemento estrutural ou de acabamento na construção civil é benéfico para os construtores e moradores, o ambiente e a comunidade onde a obra se localiza.

“Esse tipo de sistema construtivo apresenta vantagens como pré-fabricação da edificação, otimização de materiais, tempo e mão-de-obra, versatilidade de formas e revestimentos, grande conforto térmico e acústico, uso de materiais de fonte renovável, especialmente a madeira de reflorestamento, utilização de mão-de-obra local, que deve receber treinamento apropriado, e capacidade de implantação sem necessidade de grandes investimentos iniciais”, explica o docente.

O Projeto Educação em Madeira busca mostrar que a obra com esse material é tão resistente quanto a de alvenaria. “A construção com madeira de reflorestamento tratada tem a mesma durabilidade das casas de alvenaria, sem perigo de ataque de fungos ou cupins”, comenta Stamato.

A fabricação das salas envolveu preparação da base de concreto, pré-fabricação das paredes, colocação das telhas e do revestimento externo, execução do piso, pintura das paredes internas e aplicação de forro nas áreas externas.



Construção na câmpus envolveu desde preparação da base de concreto até colocação das telhas e revestimento externo

A implantação das salas teve como parceiras as empresas Madeireira Uliana, Grupo Brancalhão, Masisa, Sudoeste Paulista Madeiras, Indústria Química Dipil, Gang Nail, Saint-Gobain, Dupont, Isover, Placo e Sguário, além da Prefeitura de Itapeva. Também participaram alunos de Engenharia Industrial Madeireira do câmpus local da UNESP. A inauguração das salas

teve a presença do presidente do Ibramem (Instituto Brasileiro de Estruturas de Madeira), Mauro Augusto Demarzo, de autoridades locais e de representantes de empresas parceiras. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (15) 3524-9100.

Gabriel Fernando Antunes Passerotti, bolsista UNESP/Universia/Itapeva

DESENHO INDUSTRIAL

Estudo reprova brinquedos infantis

Dimensões inadequadas e outros problemas causam acidentes com crianças

Pesquisa de Iniciação Científica realizada pela hoje mestranda Laura Schaer, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), câmpus de Bauru, mostra que a maior parte das estruturas dos parques infantis localizados em locais públicos e escolas do município oferece risco para os usuários. Entre os problemas encontrados, a estudante ressalta a dimensão de brinquedos como gangorra, gira-gira, gaiola, balanço, ponte e escorregador. Orientado pelo docente Luís Carlos Paschoarelli, do Departamento de Desenho Industrial, o projeto teve apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Com base nas normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), ela avaliou se eles apresentavam as adequações antropométricas, isto é, as medidas proporcionais ao corpo das crianças. De acordo com o estudo, os balanços, em muitos casos feitos com pneus usados, tinham um assento muito alto, além de não disporem de encosto. Já nos escorregadores o problema verificado se localizava nos espaços entre os degraus.

Alguns aparelhos estavam dentro das normas da ABNT e, ainda sim, eram inadequados para as crianças, principalmente as menores. É o caso da gaiola, uma espécie de trepa-trepa confeccionado em ferro. Para ela, os padrões da ABNT são amplos e brinquedos perigosos podem acabar se encaixando nas medidas, mesmo que não correspondam à necessidade dos usuários.

Laura entrevistou diretores de cerca de 30 escolas



Aa lado, projeto de cadeira para criança feita por Laura propõe diminuir riscos de quedas e outros problemas que costumam ocorrer entre frequentadores de parques, por causa da utilização de objetos inadequados, como pneus usados (acima)

municipais, que relataram a ocorrência de acidentes. Os ferimentos registrados com maior frequência foram escoriações e cortes, seguidos de fraturas e luxações. Na última etapa, a pesquisadora redesenhou os brinquedos, de acordo com os parâmetros antropométricos para crianças de 3 a 6 anos.

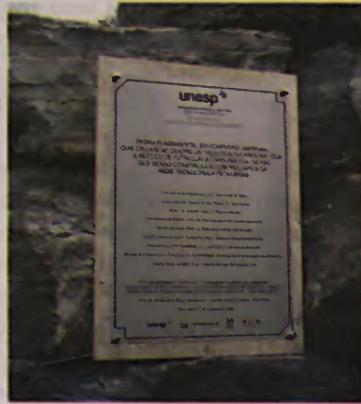
Cinthia Leone

GEOLOGIA

Complexo promoverá pesquisa em petróleo

Foi lançada, no dia 7 de janeiro, no câmpus de Rio Claro, a pedra fundamental do complexo UNESPetro, que deverá ser inaugurado em 2009. O Departamento de Geologia Aplicada do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) vai abrigar o complexo, formado pelo Centro de Geologia Sedimentar (CGS), Núcleo de Petrologia Carbonática Aplicada à Indústria do Petróleo (Nopec) e Programa de Formação de Recursos Humanos em Geologia e Ciências Ambientais Aplicadas ao Setor de Petróleo e Gás (PRH - 05).

Para a instalação do UNESPetro, que terá 1.700 m², serão investidos inicialmente cerca de R\$ 4,2 milhões. A cerimônia, que também comemorou a parceria entre a Universidade e a Petrobrás, teve a presença do reitor Marcos Macari, do vice-reitor Herman Voorwald e do prefeito de Rio Claro Demerval Noveiro Junior, entre outras autoridades.



Edson Felinto dos Santos Junior, bolsista UNESP/Universia/IGCE/Rio Claro



Testes revelam adulteração de mel

Exames indicam presença de açúcar de milho e cana em amostras de apiários e supermercados

Dois estudos desenvolvidos no Centro de Isótopos Estáveis (CIE), unidade auxiliar do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Botucatu, mostram adulterações no mel produzido e comercializado no País. De acordo com as pesquisas, tais alterações são feitas com glicose de milho ou de cana-de-açúcar e foram identificadas em lotes do produto recolhidos em apiários e supermercados.

Num doutorado defendido no Programa de Pós-graduação em Zootecnia, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), câmpus de Botucatu, a agrônoma Elvira Maria Arauco avaliou o grau de pureza de 211 amostras de mel adquiridas de apicultores de 15 Estados. Do total, 8% apresentavam adulterações. “Além da mistura em si, durante o aquecimento para a adição de glicose, o mel perde proteínas, minerais, vitaminas e enzimas importantes”, explica Elvira.

Também apresentaram adulterações as amostras de mel comercializadas em supermercados de sete Estados, embora elas possuíssem certificados do SIF (Serviço de Inspeção Federal). De um total de 61 pequenas porções, 11 delas (18%) continham glicose de milho ou de cana. O resultado foi obtido pela então estudante Cibele Regina de Souza em pesquisa para sua monografia de conclusão do curso de Ciências Biológicas do IB. “No Estado de São Paulo, o problema é ainda mais grave, já que, das 19 amostras coletadas, seis (31%) estavam adulteradas”, aponta.

Sobre o método

Isótopos estáveis são as múltiplas formas em que um mesmo elemento químico – o carbono, por exemplo – pode se apresentar. De acordo com Carlos Ducatti, orientador das pesquisas e supervisor do CIE, os dois estudos tomaram como base a diferença do valor padrão dos átomos de carbono 13 e 12 do mel puro e dos produtos analisados.

Nesse caso, é levado em conta que, para a produção do mel, as abelhas sugam o néctar de plantas frutíferas,



cujo primeiro composto do ciclo de fotossíntese resulta em três átomos de carbono (C_3). Já a cana-de-açúcar e o milho, de onde se extrai a glicose das adulterações, têm como primeiro composto quatro átomos de carbono (C_4). Essa diferença, a base das análises, equivale a dizer que o isótopo denominado carbono 13 do mel puro é mais leve do que o da glicose.

Seguindo essa técnica, o valor do isótopo ou do átomo do produto avaliado tem de ser igual ao da proteína do mel puro, utilizado como referência por ser um padrão encontrado na natureza. “Essa é uma metodologia quantitativa que oferece segurança à

análise de falsificação de produtos por se basear na constituição original do modelo”, acrescenta Ducatti.

Segundo o docente, o Centro utiliza o método oficial adotado na Europa e nos EUA. “Os tradicionalmente utilizados pelos órgãos de fiscalização muitas vezes não conseguem identificar com absoluta segurança as adulterações cada vez mais sofisticadas”, diz. Ele cita como exemplo a substância HFCS (High Fructose Corn Syrup), obtida a partir do milho e adicionada ao mel puro para aumentar o volume do produto.

Julio Zanella

ENGENHARIA

Equipe aperfeiçoa uso de lubrificante

Estudos com radiação e temperatura pretendem reduzir danos de produtos a saúde e ambiente

O óleo lubrificante utilizado na indústria, ou fluido de corte, pode desencadear uma série de problemas de saúde nos trabalhadores, como alergias, micoses e câncer, além de ser um potencial contaminador de recursos hídricos. As alternativas para tornar esse produto menos nocivo foram o tema de uma pesquisa conduzida no câmpus de Bauru por Eduardo Carlos Bianchi e Paulo Roberto de Aguiar, respectivamente, docentes do Departamento de Engenharia Elétrica e Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Engenharia (FE), e Olavo Speranza de Arruda, do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências (FC).

Segundo os pesquisadores, é comum na indústria o acréscimo de aditivos e biocidas ao óleo. Os aditivos servem para aumentar a capacidade de lubrificação e refrigeração dos fluidos de corte, enquanto os biocidas evitam sua contaminação por microorganismos. “O problema é que essas duas substâncias tornam o produto ainda mais agressivo à saúde humana”, explica Aguiar.

Como alternativa eficiente aos biocidas, os enge-

nheiros analisaram os efeitos do uso de radiação ultravioleta e diminuição da temperatura sobre as emulsões. Os resultados mostraram que essas práticas podem combater as bactérias da mesma forma que os biocidas. “Elas também diminuem o desgaste da substância e prolongam sua vida útil”, diz Bianchi.

Outra consequência favorável das medidas é a economia de descarte do produto no ambiente, uma vez que se amplia o tempo de uso. O estudo apontou, ainda, que os óleos de corte de origem sintética são mais resistentes a fungos e bactérias que os de origem mineral. Além disso, os sintéticos causam menos danos à natureza e à saúde dos operadores.

De acordo com Bianchi e Aguiar, a pesquisa reafirmou a necessidade de conscientização dos trabalhadores que lidam com o produto sobre o uso de equipamentos de proteção, como máscaras respiratórias, luvas e cremes para a pele. Os pesquisadores alertam, por fim, para a necessidade de descartar as roupas impregnadas com a substância.



Cinthia Leone Bianchi também enfatiza economia no descarte de produtos

Vídeo põe em foco agroindústria no Pontal

Obra relaciona avanço da cana a degradação ambiental e crise de movimentos sociais

As conseqüências da expansão da agroindústria canavieira no Pontal do Paranapanema são o tema do videodocumentário *Cana no Pontal*, lançado em março. Com 25 minutos de duração, a obra aponta a relação do avanço desse setor com a degradação ambiental e a fragilização dos movimentos sociais envolvidos na luta pela reforma agrária na região, localizada no oeste do Estado.

Dirigido pelo geógrafo Antonio Thomaz Júnior, docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, o DVD é parte da coleção *A Realidade do Trabalho no Brasil*, formada por documentários e videoclipes. A coleção é produzida pelo Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT) e pelo Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical Florestan Fernandes (CEMOSi), ambos ligados ao Departamento de Geografia da FCT.

O vídeo foi concretizado com o apoio de recursos da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e do convênio da Reitoria com o Banco Santander. O DVD será distribuído em escolas de ensino médio de Presidente Prudente, sindicatos e órgãos governamentais

Reprodução



Documentário, que onolisa temos como condições de trabalho de cortadores (ao lado), foi baseado em pesquisas realizadas no Centro de Estudos de Geografia do Trabalho, do câmpus de Presidente Prudente, e será distribuído em escolas do ensino médio do região, sindicatos e órgãos governamentais

interessados. “Os roteiros dos documentários e videoclipes que compõem a coleção são baseados em pesquisas produzidas no âmbito do CEGeT”, destaca Thomaz Júnior.

Trabalho como tema

O próximo produto da coleção terá como tema os trabalhadores na entressafra da cana-de-açúcar. “Prendemos tornar públicas as condições

penosas e precárias de vida e de trabalho em que são envolvidos os trabalhadores, aliás, numa das atividades mais lucrativas e bem-sucedidas do agronegócio”, comenta o geógrafo.

Credenciado junto ao diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o CEGeT desenvolve estudos sobre diferentes assuntos dentro da temática do trabalho. Com dez anos de atividade, atualmente possui 25 pesquisadores,

de iniciação científica, mestrado e doutorado. Em sua trajetória, já formou 15 mestres e seis doutores e publicou cinco livros, além de produzir a Revista Pegada, com tiragem semestral. O CEMOSi foi fundado em novembro de 1997 para promover atividades de caráter cultural e científico, como exposições e debates.

Contatos: www4.fct.unesp.br/ceget
Danilo Koga

QUÍMICA

Jogo aproxima alunos da nanotecnologia

Quebra-cabeças on-line se destina a escolas de ensino médio e fundamental

Já está disponível gratuitamente na Internet o Quebra-cabeça de Nanotecnologia, um jogo interativo destinado a estimular o desenvolvimento cognitivo de alunos dos ensinos fundamental e médio. O quebra-cabeças desafia o jogador a juntar, no menor tempo possível, um certo número de peças, que devem formar imagens que levem o estudante a ter noção de coisas ou seres muito pequenos, como um ácaro.

O jogo foi lançado pelo Centro Multidisciplinar para o Desenvolvimento de Materiais Cerâmicos (CMDMC), ligado ao Instituto de Química (IQ), câmpus de Araraquara, e à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Élon Longo, diretor do Centro, afirma que essa é mais uma iniciativa para estimular o interesse de jovens pela



ciência e a tecnologia. “A idéia é aguçar a curiosidade e o instinto científico de forma lúdica”, destaca Longo. O lançamento também pretende contribuir para aproximar as escolas públicas da Universidade.

O jogo foi desenvolvido em parceria com a empresa Apor Software, formada por doutorandos em Ciências da Computação da USP e da UFSCar. A empresa também colaborou para o desenvolvimento do Chemical Sudoku, a primeira iniciativa do CMDMC nessa área. Lançado no ano passado, o jogo obteve, segundo os desenvolvedores, 17 mil acessos de mil instituições diferentes, nos três primeiros meses.

Accesse o jogo em: www.cmdmc.com.br/quebra-cabeça
Genira Chagas

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Rebelião dos Tubarões é destaque no Discovery

Docente de São Vicente participou da elaboração de documentário

O documentário *A rebelião dos tubarões (Shark Rebellion)*, cuja produção teve a consultoria científica do biólogo Otto Bismarck Fazzano Gadig, docente do Câmpus do Litoral Paulista, ficou entre as 14 melhores produções das cem exibidas na série *Semana do Tubarão (Shark Week)*, do Discovery Channel. A escolha foi feita em 2007 pelo telespectador do canal por assinatura.

Realizado pelas produtoras Canal Azul, do Brasil, e NHZN (Natural History New Zealand), da Nova Zelândia, o documentário discute as possíveis causas dos ataques desses animais a banhistas e surfistas na região metropolitana de Recife, a partir de 1992. “Nos últimos 15 anos ocorreram 50 golpes de tubarões em uma pequena faixa do litoral de Pernambuco”, explica o biólogo. Para ele, as agressões estão associadas à degradação ambiental decorrente da construção do Porto de Suape, ao sul do litoral da capital pernambucana.

A equipe também captou imagens nas Bahamas e em Cuba para mostrar



Godig montém bonco de dados sobre otoques

o comportamento do tubarão-tigre (*Galeocerdo cuvieri*) e do tubarão-cabeça chata (*Carchahinus leucas*) em ambientes sem a intervenção humana. O professor da UNESP mantém um banco de dados atualizado sobre os ataques de tubarões no Brasil desde o fim da década de 1980, consultado por inúmeros pesquisadores e instituições, como a Universidade da Flórida.

Daniel Patire



Especialista traduz Petrônio

Docente dividiu *Satíricon* em 20 partes e fez comentários sobre contexto da cultura romana

Em fevereiro, foi lançado pela Editora Cosac & Naify o clássico *Satíricon*, livro escrito por Petrônio, com tradução de Cláudio Aquati, professor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto (272 páginas, R\$ 55,00). Com dois mil anos de vida, o livro é uma verdadeira escola de latim, literatura e costumes da época do Império Romano.

O tradutor estudou o *Satíricon* em seu mestrado e no doutorado. “Com o convite da editora, quis elaborar uma tradução completa, de tal forma que fosse ao mesmo tempo segura para o estudioso da matéria e atraente para os que apreciam a literatura em geral”, diz.

No mestrado, Aquati analisou e traduziu *O banquete de Trimalquião*, o trecho mais conhecido da obra, e, no doutorado, pesquisou a interferência do grotesco literário no *Satíricon*. Para o professor, o seu aprofundamento nos aspectos estilísticos e literários do livro contribuiu decisivamente para a realização da tradução.

“Petrônio emprega diversos níveis de linguagem e mistura gêneros literários para se adequar às próprias intencionalidades”, afirma o especialista. “Reconhecer tais níveis na obra de partida e buscar recursos lingüísticos adequados à sua expressão em português, bem como a percepção do contexto literário subjacente à obra, foi fundamental para a tradução.”

Obra em contexto

A edição, além de uma apresentação do poeta Raymond Queneau, traz um posfácio em que Aquati contextualiza o livro, apresenta sugestões de leitura, um mapa com o trajeto das personagens e imagens de objetos do cotidiano romano e de situações citadas na obra. Na opinião do tradutor, *Satíricon* dialoga amplamente com a literatura de sua época: “Não é difícil identificar em seu substrato literário referências a textos como os da *Iliada*, da *Odisséia*, da *Eneida*, da *Priapéia* grega e latina e do romance grego”, esclarece.

Aquati enfatiza que, apesar de hoje restarem apenas fragmentos do livro, os fatores de ordem cultural e social presentes no texto levam a crer



Detalhe do afresco do túmulo do Túffio, em Paestum



Divul. or.60

Dedicação do professor Aquati ao livro no mestrado e doutorado permitiu que ele dominasse os aspectos literários e estilísticos do texto, poro fazer o tradução

que tenha sido escrito por volta de 60 d.C. O docente do Ibilce destaca que Petrônio sempre utiliza um discurso adequado às características da personagem que o produz. “Conhecido como um texto imoral e mesmo obsceno, em termos de linguagem, raríssimas vezes se encontra o baixo calão no *Satíricon*”, assinala.

Para Aquati, o diferencial de sua tradução, além dos comentários, está na divisão que realizou em 20 partes. Em relação às outras versões da obra existentes no Brasil e em Portugal, critica a de Paulo Leminski (Brasiliense, 1985) e elogia a de Delfim Leão (Lisboa, Cotovia, 2005). Considera Leminski um desbravador

na divulgação de Petrônio, mas avalia que seu “tom radicalmente contemporâneo afasta-se em demasia do original latino”. “Delfim Leão traduziu com sabor e apuro, e soube afinar o texto com o português falado hoje em Portugal”, avalia Aquati.

Atualmente, ele trabalha na tradução de *O Asno de Ouro*, de Apuleio. “Embora o quadro de traduções de obras latinas venha melhorando no Brasil, com a incansável produção das universidades, muitas vezes ainda nos faltam boas traduções de obras-chave para a abordagem da língua e da literatura nessa área”, acentua.

Lygia Aliberti e Oscar D’Ambrosio

EDUCAÇÃO

Observatório de Direitos Humanos é premiado

Site ganhou selo Direitos Nota 10, concedido a instituições que promovem cidadania

O Observatório de Educação em Direitos Humanos (OEDH) da UNESP recebeu, em fevereiro, o selo Direitos Nota 10, prêmio oferecido pela DHnet (Rede Direitos Humanos e Cultura) às instituições que contribuem para a construção e promoção da cidadania. Os critérios observados para a premiação da página do Observatório na Internet foram performance de qualidade, conteúdo e apresentação visual no desenvolvimento do tema em língua portuguesa.

Desde 1994, a DHnet promove estudos sobre direitos humanos e realidade virtual. As páginas vinculadas a essa rede destacam assuntos relacionados ao tema, entre eles cibercidadania; memória histórica; educação e direitos humanos; e arte e cultura. “Trata-se de um incentivo para aqueles que se dedicam fortemente à valorização e difusão dos direitos humanos em língua portuguesa”, diz Roberto Monte, coordenador da DHnet.



Daniel Raitre

Cordoso: entidade promove ensino, pesquisa e extensão

Sobre o Observatório

Lançado em 2007 no I Encontro de Direitos Humanos da Universidade, no câmpus de Bauru, o Observatório envolve todas as unidades da UNESP. É fruto do Programa de Direitos Humanos implantado, desde 2004, pela AUGM (Associação de Universidades Grupo Montevidéu), da

qual a Universidade participa.

Clodoaldo Meneguello Cardoso, docente da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), câmpus de Bauru, e presidente do Comitê Gestor do Observatório, informa que o OEDH promove atividades em pesquisa, ensino, extensão, eventos, programas e intercâmbios. “Trabalharemos em sintonia com a AUGM e com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos”, explica.

As primeiras atividades divulgadas pela página do OEDH são o V Seminário Direitos Humanos no Século XXI e a VII Semana da Mulher, promovidos pelo Núcleo de Direitos Humanos e da Cidadania (Nudhuc), localizado no câmpus de Marília. Os eventos ocorrem na Faculdade de Filosofia e Ciências, de 15 a 17 de abril.

O endereço eletrônico do Observatório é http://www.observatorioeduh.unesp.br/index_portal.php

Oscar D’Ambrosio

A Universidade e a inclusão da diferença

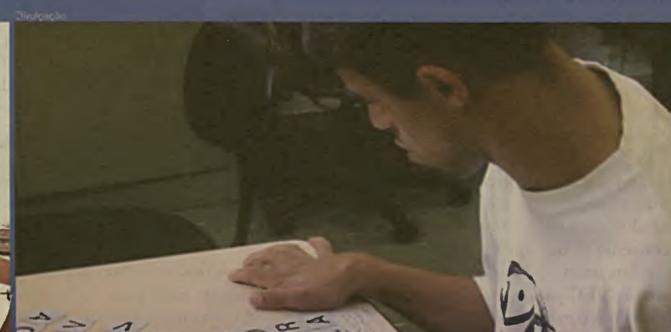
Especialistas oferecem cursos e apoio para que docentes da rede pública possam atender às necessidades de crianças e jovens portadores de necessidades especiais, além de prestar serviços de extensão à comunidade



Atendimento no Cees, em Morilo, que beneficia população e garante realização de estágios para alunos



Time de basquete sobre rodas de Presidente Prudente disputa Campeonato Paulista de Paradesporto



Grupa Ambientes Potencializadores para Inclusão, de Prudente, auxilia deficientes e educadores

GENIRA CHAGAS

Garantir uma educação inclusiva no País é um desafio para os setores da Universidade que trabalham com a formação de professores para a educação básica. Um problema central, segundo especialistas, é a falta de qualificação docente para lidar com crianças e jovens com deficiência, além da precariedade de recursos para atender cada uma das dificuldades – auditiva, física, mental, visual e múltipla. Envolvidos no esforço de inclusão, pesquisadores da UNESP realizam ações como oferecer cursos de especialização para professores, em parceria com os governos municipais, estadual e federal, além de ações de extensão universitária. Outra questão que preocupa e mobiliza os vários cursos de Pedagogia é a adequação da grade curricular proposta pelas normas federais. (Veja quadro ao lado.)

“É comum, em classes de alunos com deficiência, que os professores se sintam angustiados por não conseguir dar conta nem do ensino regular e nem da inclusão”, afirma Elisa Tomoe Moriya Schlünzen, do Departamento de Matemática, Estatística e Computação (Demec), da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente. Elisa coordena o grupo de pesquisa Ambientes Potencializadores para Inclusão (API), que desenvolve atividades para auxiliar tanto a pessoa com deficiência como os profissionais da educação. Em Presidente Prudente e região, o API desenvolve o Projeto de Inclusão Digital, Escolar e Social, que atende a escolas promovendo a formação de educadores em serviço. Elisa explica que alunos de Fisioterapia e Pedagogia também acompanham os estudantes do ensino básico em suas dificuldades.

A docente também é subcoordenadora do Núcleo de Educação Cooperativa (NEC), que desenvolve softwares educacionais. Uma parceria entre o NEC e o Departamento de Educação Especial (DEE), da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, possibilitou o oferecimento, a partir de abril, de dois cursos de especialização a distância com 120 horas-aula, para

cerca de mil professores das redes estadual e municipal do País: um de Libras (Língua Brasileira de Sinais), coordenada por Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins, docente do DEE, e outro de Tecnologias Assistivas – que podem dar autonomia à pessoa com deficiência –, por Klaus Schlünzen Junior, presidente da Comissão de Ensino a Distância da UNESP. Os dois cursos são fruto de um convênio entre a Universidade e a Secretaria de Educação Especial do MEC.

Segundo Sandra, não basta que um aluno com perda auditiva esteja numa sala comum para ser considerado incluído. No caso do surdo usuário da língua de sinais, se não houver um intérprete na sala, ele terá dificuldades para dominar o currículo da escola. Além disso, muitos surdos chegam ao ensino fun-

damental sem uma base lingüística estável (oral ou sinalizada), o que pode dificultar seu desenvolvimento cognitivo e acadêmico. “Diferentemente do deficiente visual, que consegue ouvir e expressar-se oralmente, o surdo que não desenvolve um sistema de linguagem pode permanecer à margem do processo educacional”, comenta Sandra.

Formação de educadores

De acordo com a pedagoga Anna Augusta Sampaio de Oliveira, também do DEE, os tropeços da educação inclusiva começam na reorganização de um sistema educacional que já carrega problemas graves. “As escolas precisam se adequar para acolher a diversidade de crianças em um País multicultural. E, entre essas dife-

renças, estão as deficiências”, destaca. Por meio de um acordo com a Prefeitura de São Paulo, Anna Augusta coordena um curso de Formação de Professores em Educação Especial, com 495 horas-aula, que prepara especialistas para trabalhar nas estruturas de apoio já existentes.

Também docente da FFC, a pedagoga Rosimar Bortolini Poker é coordenadora do curso Formação em Educação Inclusiva, para educadores de Marília. Rosimar assinala que é fundamental uma mudança de atitude do professor e de toda a comunidade escolar, em relação à inclusão. “Mas, para que isso ocorra, é necessário o investimento na formação docente”, ressalta. “Os ambientes físicos também necessitam ser repensados do ponto de vista da arqui-

tetura e dos recursos materiais.”

Apoio pedagógico

Além dos cursos, os docentes de Marília prestam serviços de apoio pedagógico especializado em diversas cidades. Em Paraguaçu Paulista, por exemplo, os professores recebem capacitação e há salas com recursos para a suplementação do conteúdo escolar transmitido na classe comum. “Foi constituída uma rede de suporte para que o educador não se sintá só em sala de aula”, enfatiza Anna Augusta.

“Parte das atividades propostas são reflexões acerca de educação inclusiva a partir da análise do cotidiano em sala de aula”, completa a psicóloga Lúcia Pereira Leite, do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bauru, que integra a

equipe. Lúcia coordenou uma pesquisa realizada em uma unidade escolar da rede estadual de Bauru, que revelou que 67% dos educadores sentem falta de formação específica e recursos didático-pedagógicos que amparem suas atividades na área de inclusão.

Na opinião dos especialistas, o fundamental na educação inclusiva é a mudança de foco, de uma visão individual, centrada na pessoa com deficiência, para uma interacionista, que considere as relações sociais. “Neste caso, é a sociedade que deve aprender a valorizar as competências do deficiente”, assinala Anna Augusta. “Na rotina escolar, é importante a convivência da criança comum com aquelas que apresentam alguma

dificuldade.” Segundo a docente, os processos de inclusão demandam atividades dinâmicas e não padronizadas, e isso exige adequações nos currículos da rede escolar, nos planejamentos pedagógicos e nas formas de avaliação.

Ações de extensão

Unidade auxiliar que funciona no câmpus de Marília, o Centro de Estudos da Educação e da Saúde (Cees), desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ao mesmo tempo em que proporciona estágio para os alunos de Pedagogia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Biblioteconomia, o Cees atende cerca de 2,6 mil pessoas da região por mês. “O atendimento é vinculado

ao estágio nas diferentes áreas”, diz a coordenadora, a fonoaudióloga Débora Deliberato. Paralelamente, o Centro acompanha pessoas com deficiência nas escolas e outras instituições.

Na área esportiva, em Presidente Prudente, o educador Paulo Brancatti, do Departamento de Educação da FCT, realiza o Projeto de Atividade Motora Adaptada, com o apoio da Pró-reitoria de Extensão (Proex) e da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp). Desde 2002, ele treina uma equipe de basquete sobre rodas, com 15 integrantes, que disputa o Campeonato Paulista Paradesporto. “O esporte resgata esse grupo para uma nova vida”, diz Brancatti. Em 2005 o Projeto absorveu a modalidade paradesportiva Atletismo, cuja equipe envolve oito competidores, entre eles um aluno da FCT (veja quadro). E, em 2007, foi formada uma equipe de Nataçao, com três pessoas.

Contra o estigma

A pedagoga Rosimar Bortolini Poker, do DEE, afirma que a proposta da inclusão é formar uma sociedade que saiba lidar com a diversidade. “Somente a educação pode promover uma evolução na maneira como as pessoas veem o diferente e como o diferente vê a si próprio”, destaca. O comportamento preconceituoso, na opinião de Maria Candida Soares Del-Masso, vice-diretora da FFC, câmpus de Marília, é quase sempre uma reação ao incômodo que representa a figura da pessoa com deficiência. “Na vida prática, o preconceito se manifesta com a exclusão dessas pessoas do convívio social”, afirma.

Também docente da FFC, o psicólogo Sadao Omote, coordenador do Grupo de Estudos Deficiência, Diferença e Estigma, que investiga os comportamentos frente à inclusão, alerta que esse processo é longo e deve representar melhoria na qualidade de vida para todas as pessoas, inclusive as deficientes, assegurando a todas elas o exercício pleno de seus direitos. “Para que isso ocorra, é necessário o empenho tanto da sociedade quanto do deficiente”, diz. “É também importante que o deficiente seja capacitado, dentro do que a sua condição permite, para enfrentar as demandas sociais.”



Anna Augusta: curso de formação docente



Elisa: softwares e apoia à rede escolar



Sandra: deficientes auditivas excluídas



Maria Candida: preconceitos prejudicam

Resolução extinguiu habilitações em Pedagogia

O Brasil assumiu a inclusão da deficiente no ensino regular como uma política pública a partir de 2001, com a Resolução nº 2 da CNE (Conselho Nacional de Educação), que institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos com necessidades especiais. Esse documento representa um avanço em relação ao modelo anterior, no qual a pessoa com deficiência deveria ser preparada para se adaptar às condições da escola. A Resolução garante a essa pessoa o direito de ser matriculada em classes regulares preparadas para recebê-la.

Em razão das atuais diretrizes curriculares das cursos de Pedagogia, que extinguem as habilitações, muitas cursas passaram a contemplar disciplinas voltadas à educação inclusiva. “As habilitações davam ao futuro educador a possibilidade de optar por uma preparação mais aprofundada sobre o tema escolhido”, enfatiza Maria Candida Soares Del-Masso, vice-diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília. De modo geral, os docentes da Universidade concordam que apenas a inclusão de disciplinas na grade não dá conta da capacitação exigida pela prática da inclusão. Mesmo assim, as grades

das cursas de Araraquara, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Ría Clara e São José da Ría Preta já foram reestruturadas.

Entre as novas disciplinas oferecidas pela cursa de Pedagogia da FFC, consta a de Língua Brasileira de Sinais (Libras). “A disciplina dará noções básicas sobre esse sistema lingüístico, mostrando como é importante a sua compreensão para o desenvolvimento escolar da aluna”, esclarece a pedagoga da FFC Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins. De acordo com a pré-reitora de Graduação, Sheila Zambella de Pinho, a disciplina será oferecida a distância para as alunas dos cursos de licenciatura e de Fonoaudiologia da UNESP, como determina a Decreta Federal 5.626/05.

Para a assessora da Pró-reitoria de Graduação, Leonar Maria Tanuri, a finalidade e as conteúdos da educação devem ser iguais para todas. “A Pedagogia faz a preparação para a inclusão; por outro lado, há a necessidade de especialistas para orientar a processo inclusivo”, diz. De acordo com a assessora, a Universidade encaminhou ao Conselho Estadual de Educação sugestões para a regulamentação das cursas de especialização voltadas para a educação inclusiva.

(G.C.)



Com paralisia cerebral, Renan é aluno e atleta em Prudente

Um exemplo de persistência

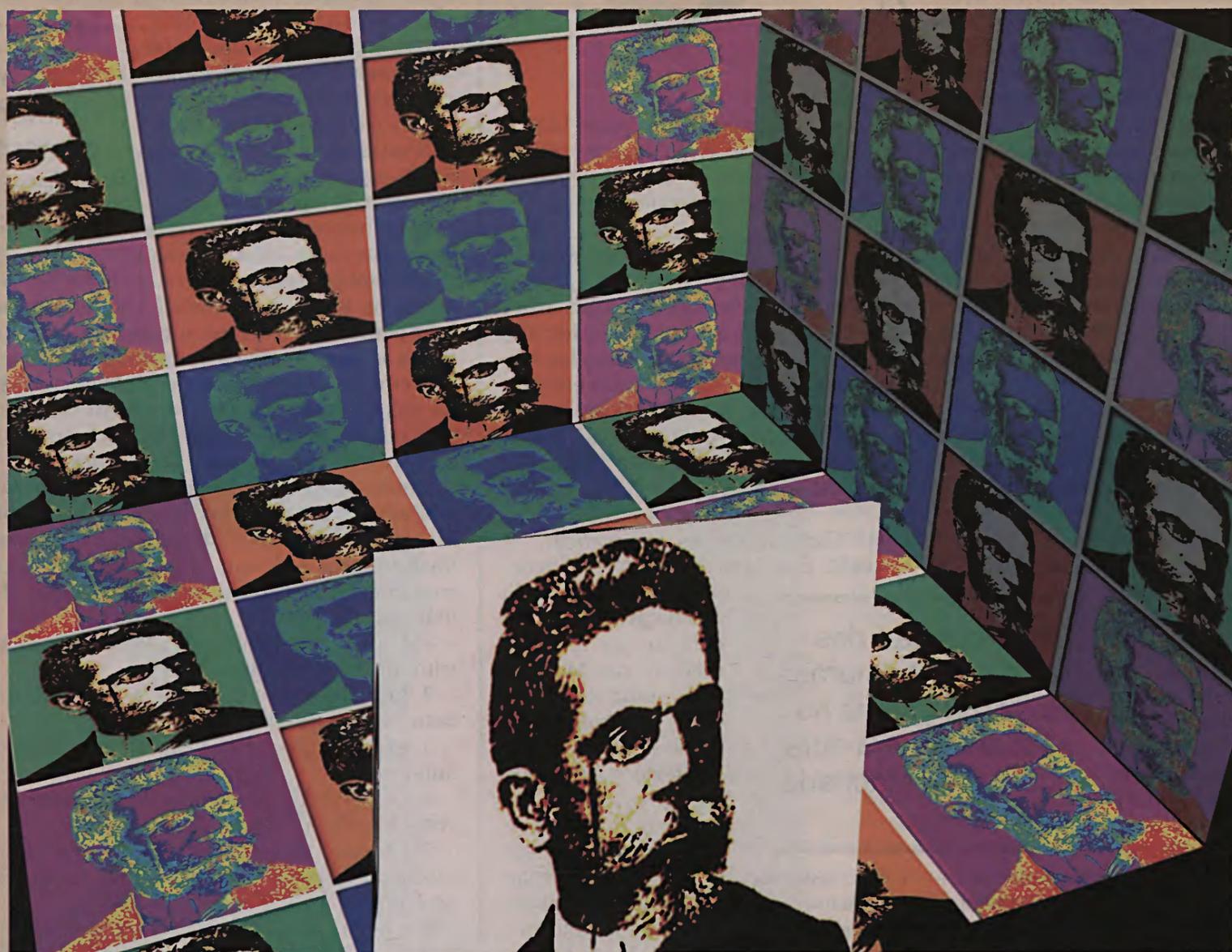
Aluna da 3ª ano de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia, em Presidente Prudente, Renan de Souza, 25 anos, adquiriu paralisia cerebral por um acidente na hora do parto. No ensino médio, teve sua matrícula recusada porque os professores achavam que ele não acompanharia o curso. Para conquistar a vaga na Universidade, frequentou por quatro anos a cursinho Educafra. Renan esclarece que não tem dificuldade cognitiva, apenas de escrita, a que lhe valeu suas respastas. Participante da equipe de atletismo paradesportiva da UNESP, Renan conta que a maior barreira que enfrenta é mesmo o estigma.

(G.C.)

O centenário de Machado de Assis

Um interesse incessante pela obra de Machado de Assis multiplica estudos no País e no Exterior sobre suas criações, já consagradas em reflexões de intelectuais como os brasileiros Raimundo Faoro e Roberto Schwarz e o norte-americano Harold Bloom. Para assinalar o centenário da morte do maior nome da literatura nacional, aliás, a UNESP promoverá o Seminário "Caminhos cruzados: Machado de Assis pela crítica brasileira e internacional", de 25 a 30 de agosto, no Masp (Museu de

Arte de São Paulo). Esta edição do *Caderno Fórum* reúne artigos que iluminam alguns aspectos do trabalho e da personalidade do escritor. Entre os temas abordados estão a percepção que o "Bruxo do Cosme Velho" tinha sobre a projeção de seus romances no futuro, a importância de sua produção como cronista da imprensa e a sintonia de *Memórias póstumas de Brás Cubas* com as características do hipertexto contemporâneo, além do impacto de sua morte sobre a sociedade da época.



Autor projetou para o futuro o legado de suas idéias de gênio

Entrevista com Lúcia Granja

Página 2

O perfil singular da crônica machadiana

Daniela Mantarro Callipo

Página 3

Memórias Póstumas de Brás Cubas: do clássico ao digital

Maria Rosa Duarte de Oliveira

Página 2

O ano da morte de Machado de Assis

Sílvia Maria Azevedo

Página 4

Ilustração de Daniel Patire / Sidney J. Oliveira

ENTREVISTA

Lúcia Granja

Autor projetou para o futuro o legado de suas idéias de gênio

Lúcia Granja é graduada em Letras pela Unicamp, onde fez o mestrado e o doutorado em Teoria e História Literária. Desde 2004, é professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto. Como pesquisadora, tem-se dedicado ao estudo da obra de Machado de Assis, em especial da crônica jornalística. Publicou variados artigos, além de parte de sua tese, no livro *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais* (Campinas: Editora Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000). Coordena, com Sílvia Maria Azevedo, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, um site sobre Machado de Assis (www.machadodeassis.unesp.br), no ar experimentalmente desde 15 de janeiro. Com o apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o espaço tem como meta apresentar, na íntegra, os jornais e revistas com os quais o escritor contribuiu na segunda metade do século XIX. (Oscar D'Ambrosio)



do quase ininterruptamente entre 1861 e 1897, não poupou as mais agudas críticas às injustiças sociais, desperdícios, inatividade do governo, entre outros temas.

JU: Isso ocorria também em seus romances e contos?

Lúcia: O mesmo ocorreu com a ficção. Em uma sociedade pouco letrada, ele escrevia para as elites, aquelas que fazia questão de “espetar”. No entanto, fazia-o por meio de um texto inteligente e que funcionava esteticamente, politicamente e também, de certa forma, pedagogicamente.

JU: Como isso se dava na prática?

Lúcia: É o caso da intertextualidade, por exemplo. Quando Machado compara um político ao burguês ridículo de Molière, que é uma das estratégias mais simples de construção da ironia, seu texto solicita que o leitor vá além da leitura em superfície e seja capaz de refletir e fazer associações. Não se pode negar, no entanto, que essa estratégia também fazia parte da inscrição de sua literatura em um tempo futuro. Além da função pedagógica de seu texto, Machado deixava em seu texto desafios também a esse leitor contemporâneo.

JU: Por que a obra machadiana foi conquistando um número cada vez maior de admiradores entre a crítica não só nacional como estrangeira? Quais seriam seus principais herdeiros na literatura brasileira contemporânea?

Lúcia: De certa forma, Machado sabia que não seria compreendido em seu tempo e projetou para o futuro o legado de suas idéias de genialidade. Machado, porém, não deixou herdeiros. À parte Guimarães Rosa, não vejo, no século XX, uma obra como a dele.

Com exceção dos textos de Guimarães Rosa, não se vê no século XX uma obra como a de Machado

Memórias Póstumas de Brás Cubas: do clássico ao digital

MARIA ROSA DUARTE DE OLIVEIRA

Uma das formas romanescas contemporâneas chamadas de hiper-romance pelo escritor Ítalo Calvino (CALVINO, 1990, p. 34), por instaurar como princípio construtivo a flutuação e a turbulência de caminhos permutacionais, é a que Machado de Assis (1839-1908), já em 1881, oferecia em suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Estranhamento dentro do modelo realista de romance do século XIX e que levou o crítico Capistrano de Abreu ao questionamento: “*Memórias Póstumas de Brás Cubas* serão um romance?”

Com efeito, desde o seu não (ou quase) início, defrontamo-nos com uma antededicatória ao verme-leitor cuja roedura (visual e sonora) anuncia um determinado modo de ler: aquele que recorta, cola, insere, encaixa, inverte, retorna e salta.

E foi essa capacidade plástica e dinâmica de uma escritura memorialista em contínua mutação, através de módulos intercambiáveis em nível do micro e do macrotexto (OLIVEIRA, 2003), que nos conduziu à hipótese de que lá havia uma estrutura hipertextual latente, capaz de crescer em complexidade e vigor se fosse ressignificada pelo mapa de navegação multidirecional e interativo do hipertexto.

É justamente o caminho zigzagueante dessa ação de leitura que é também roedura – voltar à palavra, à frase, à comparação ou, simplesmente, à suspensão reticenciosa (o passado), para logo a seguir se projetar para a frente (o futuro) numa outra forma de se redizer – o elemento materializador do próprio movimento do verme em sua ação paradoxal de destruir e reconstruir o corpo do texto, do livro e do defunto-autor Brás Cubas.

Nesse sentido, caminhar por essa escritura memorialista é uma experiência de travessia por entre planos de memória, de tal forma que a melhor imagem seria a de um palimpsesto, levando-nos para uma escavação arqueológica, amplificada em múltiplas direções:

1. O plano das lembranças do narrador-defunto, leitor de seu duplo Brás Cubas;
2. O plano das lembranças de uma palavra em outra, no interior de um capítulo;
3. O plano das lembranças de um capítulo em outro;
4. O plano das lembranças de outros textos inscritos e roídos no tecido das *Memórias*;
5. O plano das lembranças de outras obras de Machado de Assis inscritas e roídas no tecido das *Memórias*.

É a leitura ou a navegação que construirá a(s) linha(s), no decorrer do itinerário, por meio da conexão dos links (palavras, frases, personagens, cenas, alusões, etc.), que permitem a cada leitor a escolha de seu próprio centro de experimentação, à semelhança de um sistema hipertextual (LANDOW, 1992, p.13).

Pensando-se, ainda, nos planos 4 e 5, é possível perceber que neles a navegação atinge espaços e tempos múltiplos, trazendo textos e personagens desde tempos imemoriais e míticos (de Pandora ao Gênesis), até a história, a filosofia, a literatura, o teatro, a política e a ciência do século XIX, bem como criando conexões com outras obras de Machado, à semelhança de uma enciclopédia.

No entanto, e aí está a diferença que é tudo, aqui os verbetes estão roídos, alterados por imperceptíveis desvios (inversões, acréscimos, supressões,

substituições), que esse sagaz defunto-autor imprimiu ao passado por meio do ato presente de (re)ler e (re)escrever.

Sob o signo do deslocamento, essa estranha enciclopédia memorialista, ao ser recolhida pela tecnologia digital, poderá alimentar fluxos de hipertextos, redimensionando e potencializando o legado de suas edições. Entre o clássico e o digital, *Memórias Póstumas* terá por meta principal a conexão no espaço-tempo, construindo e expandindo os risomas do sentido ao entrar no novo milênio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LANDOW, George P. *The convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1992.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. “*Memórias Póstumas* entre o ver e o verme: uma poética da leitura”. In: MARIANO, Ana Salles e OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. *Recortes machadianos*. São Paulo: Educ-Fapesp, 2003, p. 21-62.

Maria Rosa Duarte de Oliveira é professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária na PUC-SP. Entre suas publicações, destacam-se: *Recortes machadianos* (Org. São Paulo: Educ-Fapesp, 2003); e “A crônica machadiana entre o jornal e o livro” (In: *Eça & Machado*. Org. Beatriz Berrini. São Paulo: Educ-Fundação Calouste Gulbenkian, 2005).

Essa enciclopédia memorialista poderá alimentar hipertextos, potencializando a herança das edições

O perfil singular da crônica machadiana

DANIELA MANTARRO CALLIPO

Durante quarenta anos, Machado de Assis escreveu mais de seiscentas crônicas, que possuem um valor de documento histórico indiscutível e uma fascinante profundidade literária sob uma forma simples, familiar, corriqueira. Mas é preciso aprender a ler a crônica machadiana, e o ideal seria aventurar-se por todo o percurso feito por um escritor que se tornou cronista muito antes de começar a escrever romances.

Para se compreender a crônica, é necessário conhecer o contexto histórico em que ela foi publicada. Algumas podem ser lidas – e apreciadas – pelo leitor atual, visto tratarem de assuntos que atravessam os séculos; mas a maioria carece de explicações a respeito das personalidades citadas e do momento histórico descrito.

Esse cuidado evita equívocos como os de Augusto Meyer ao analisar uma crônica escrita por Machado em 14 de maio de 1893, na qual o co-

laborador da *Gazeta de Notícias* lembra o dia em que foi declarada extinta a escravidão no Brasil e que ele, “o mais encolhido dos caramujos” saiu às ruas, em carruagem aberta, “hóspede de um gordo”, para participar da comemoração. Meyer lembra uma passagem do *Memorial de Aires* em que o narrador relata o mesmo episódio e afirma não ter aceitado participar dos festejos por causa de seus “hábitos quietos”. Para o crítico, a versão verdadeira seria a do Conselheiro

próprio, muito diferente daquele do respeitável patrono da ABL – mas muito parecido com o do Machadinho “da pena azeitada”. Por isso, discordo da afirmação de Lúcia Miguel Pereira, para quem era o Conselheiro Aires que escrevia os folhetins da “Semana”, sob o “pseudônimo de Machado de Assis”, por causa da “polidez” e da “indiferença” manifestadas pelo colaborador da *Gazeta*. É evidente que o tom dos comentários muda, mas a ironia aprimorada com o passar dos anos não revela justamente a indignação?

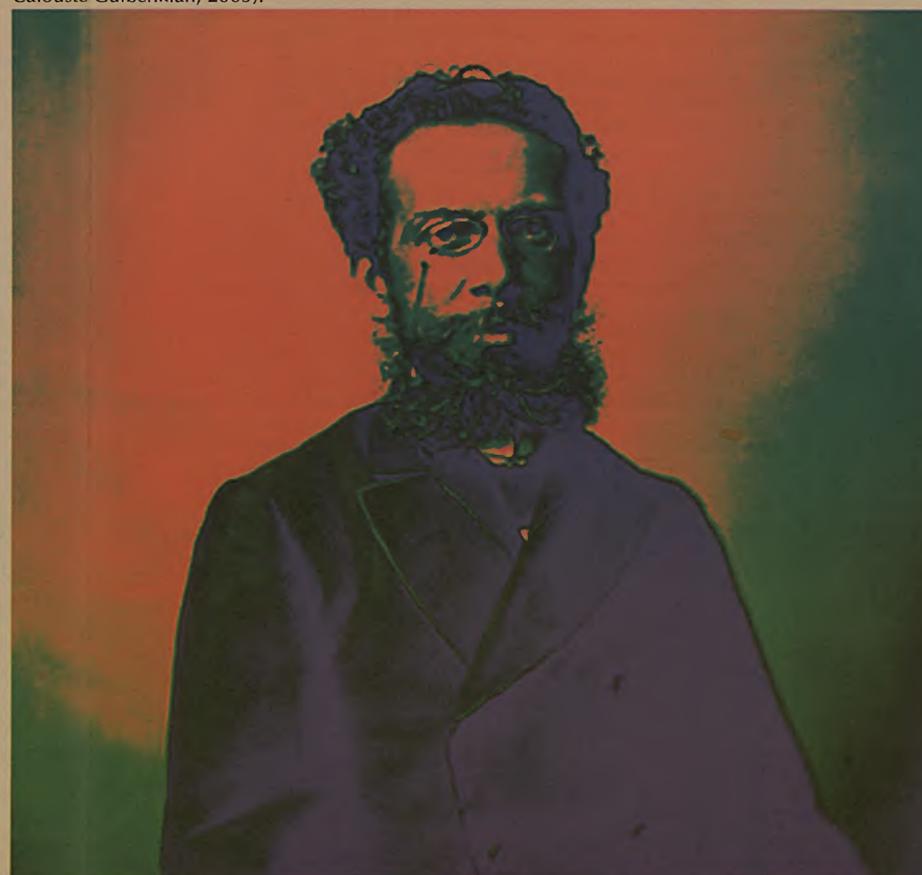
Ao escrever seus romances e contos, Machado construiu meticulosamente a imagem do literato de fina ironia, erudição incontestada, humor elegante e estudo profundo dos caracteres, deixando às crônicas o campo do experimento, da ousadia, do pensamento livre. Em “A Semana”, ele tem o anonimato total, não usa sequer pseudônimo. Nessa série, insurge-se contra os eleitores que não vão às urnas votar, prega o direito à liberdade, reclama do calor, da chuva e da lama.

Em seu comentário, autor pode ser um fingidor, como o poeta, e fingir que é verdade o que de fato é

Ao cronista bastava apenas uma boa razão para fazer calar o comedido, discreto, aristocrático, recatado Machado de Assis. Essa boa razão – que podia ser um presente do sultão ao papa, a imundície das ruas – fazia-o indignar-se; outras vezes, emocionou-se.

Quando não estou afirmando que o cronista é Machado de Assis. Em se tratando do Bruxo do Cosme Velho, todo cuidado se faz necessário. Ele pode ser um fingidor, como o poeta, e fingir que é verdade o que de fato é. Mas pode zombar de todos, despedir-se com um piparote e deixar o leitor atordoado. Acima dessa discussão, estão suas belas e divertidas crônicas, que merecem ser lidas e apreciadas até hoje.

Daniela Mantarro Callipo é professora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. Doutou-se em 2004 com o trabalho *Viagem ao passado romântico: presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis*.



(A íntegra deste artigo está no endereço <http://www.unesp.br/aci/debate/memorias.php>)

(A íntegra deste artigo está no endereço <http://www.unesp.br/aci/debate/machado.php>)

O ano da morte de Machado de Assis

SÍLVIA MARIA AZEVEDO

Transformado de personagem morto em narrador “vivo” no outro mundo, Brás Cubas, como se sabe, é quem narra sua própria história. Os capítulos iniciais das *Memórias póstumas* relatam as circunstâncias da morte do defunto autor, e o leitor fica sabendo como foi o velório e o enterro de Brás (com apenas onze amigos), a doença que o matou (a pneumonia contraída na invenção do Emplastro Brás Cubas), as visitas que recebe (especialmente de Virgília).

No caso da morte de Machado de Assis, foi a imprensa da época que se encarregou de revelar à posteridade os detalhes do passamento do escritor, que morreu às três horas e quarenta e cinco minutos da madrugada de 29 de setembro de 1908. Os jornais cariocas dedicaram largo espaço à morte de Machado, sendo o primeiro a divulgá-la a *Gazeta de Notícias*, que, para isso, imprimiu uma “2ª edição”.

Empenhado em prestar a última homenagem àquele que foi um de seus mais assíduos colaboradores, o jornal de Ferreira de Araújo de 30 de setembro de 1908 noticiava o minucioso e extenso ritual que costuma acompanhar a morte de uma personalidade ilustre: as primeiras providências tomadas em relação ao corpo, o embalsamamento do cadáver por Afrânio Peixoto e Alfredo de Andrade e a retirada da máscara mortuária pelo escultor Rodolfo Bernardelli, o enterro às expensas do governo, o velório na Academia Brasileira de Letras, os amigos e pessoas ilustres que estiveram presentes.

Se é possível medir o grau de consagração de um escritor em vista das homenagens recebidas quando de sua morte, a de Machado de Assis foi cercada das honras de um chefe de Estado. Por sua vez, as homenagens oficiais de passamento – o pranto protocolar aos mortos das sociedades modernas – simbolizam o momento em que aquele que se foi é trazido para perto dos vivos.

Walter Benjamin, no conhecido ensaio sobre o narrador, vai dizer que uma das causas da crise da arte de contar histórias nas sociedades modernas decorre de a morte ter deixado de ser experiência conformadora de conhecimento, base das narrativas. Nas sociedades arcaicas, segundo o pensador alemão, a morte, e o ritual que a cercava, acontecia em família, com o envolvimento de parentes e amigos. O que não quer dizer que não houvesse casos em que os herdeiros não zombassem ou escarnecessem do moribundo, como vai lembrar Norbert Elias, em *A solidão dos moribundos*.

É esse caráter público e sociável da morte que pode ser identificado nas comemorações de passamento de Machado de Assis. Aquelas são situações em que o mundo moderno, na forma de rituais convencionais, se permite conviver com os mortos. Que assim se fazem presentes, sendo resgatados do esquecimento.

Em seguida às homenagens prestadas no dia da morte de Machado, e aos necrológicos, é a



vez dos artigos de reminiscência, quando começa a ser escrita a biografia de Machado de Assis, que é outra forma de perenizar a memória do morto ilustre. Para tanto, certos detalhes de sua vida foram por vezes omitidos, sob a justificativa de ser aquele o “Machado que eu conheci”.

No aniversário do 30º dia do falecimento de Machado, José Veríssimo publica longo artigo no *Jornal do Comércio*, em que rememora o convívio quase diário com o escritor. A mais forte impressão que lhe ficara da personalidade de Machado era o “horror à banalidade e à ênfase”. E acrescentava: “São tanto mais de admirar e até de maravilhar essas qualidades de medida, de tato, de bom gosto, em suma de elegância, na vida e na arte de Machado de Assis, que elas são justamente as mais alheias ao nosso gênio nacional e, muito particular-

mente, aos mestiços como ele. [...] Mulato, foi de fato um grego da melhor época, pelo seu profundo senso de beleza, pela harmonia de sua vida, pela eurtmia da sua obra”.

Joaquim Nabuco, em carta enviada de Washington, em 25 de novembro, ficou escandalizado ao ver Ma-

chado sendo chamado de “mulato”: “Eu não teria chamado o Machado *mulato* [italico no original] e penso que nada lhe doeria mais do que essa síntese (...). O Machado para mim era um branco, e creio que por tal se tornava [sic]; quando houvesse sangue estranho, isso em nada afetava a sua perfeita caracterização caucásica. Eu pelo menos só vi nele o grego. O nosso pobre amigo, tão sensível, preferiria o esquecimento à glória com a devassa sobre suas origens”.

Veríssimo jamais incluiu o artigo de 1908 em qualquer dos seus livros. Na verdade, a crítica de Nabuco fazia eco ao processo de bran-

queamento de Machado de Assis, que, iniciado em vida (basta ver os seus retratos), tinha continuidade depois da morte do escritor, cujo registro de óbito certificava que Joaquim Maria Machado de Assis, de “cor branca”, havia falecido de “arteriosclerose”.

Também o último romance com o qual Machado se despedira do mundo das letras, o *Memorial de Aires*, carinhosamente recebido nos artigos de Salvador de Mendonça e Medeiros de Albuquerque, parecia autorizar a leitura confessional, o autor encarnando-se em parte no Conselheiro Aires, homem branco, culto e refinado, no comentário de Joaquim Nabuco, em carta a Graça Aranha, de 3 de setembro: “Foi uma delícia para mim ler o novo livro do Machado. Como o escritor é o homem! Com ele se pinta a si mesmo sem sentir!”

Uma nuvem, no entanto, veio nublar o céu das celebrações: foi a carta aberta de Heme-tério dos Santos, endereçada a Fábio Luz, que saiu na *Gazeta de Notícias*, em 16 de novembro de 1908, na qual Machado era acusado de ter se afastado da mãe preta que o criara: “Eu conheci essa boa mulata, comendo de estranhos, com amor e conforto máximo, chorando, porém, pelo abandono em que a lançara o enteado de outrora, nunca mais a procurando desde a sua mudança de S. Cristóvão”.

Eram os contemporâneos que assim se pronunciavam no ano do falecimento de Machado de Assis, uns empenhados em fazer de Machado o maior monumento da literatura brasileira, outros em litígio com o Machado de carne e osso, mestiço do Morro do Livramento que, consciente do seu valor, ambicioso e enérgico, deixou o mais possível na sombra as suas origens humildes.

Sílvia Maria Azevedo é professora em Teoria Literária pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. É mestre (Literatura Portuguesa) e doutora (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela USP.

Processo de branqueamento do escritor, iniciado em vida, teve continuidade nas homenagens póstumas

Câmpus recebem 22 laboratórios de informática

Além de equipamentos e mobiliário entregues em 12 unidades, foram construídos 4 prédios

Este ano, equipamentos e mobiliário de 22 novos laboratórios didáticos de informática foram entregues em 12 unidades universitárias de 9 câmpus da UNESP. A ação é resultado do programa Apoio a Entidades de Ensino Superior Não Federais, convênio assinado entre a Universidade e o MEC/SESu (Ministério da Educação/Secretaria de Educação Superior), em 2005.

Cada laboratório é composto de 21 microcomputadores, servidor de rede, duas impressoras, projetor de multimídia, tela de projeção retrátil, 2 switches de 16 portas (aparelhos que possibilitam a conexão de computadores em rede) e móveis.

O convênio se deu após a Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo) ter identificado, no orçamento do MEC para o exercício de 2005, a disponibilidade de recursos para investimentos de R\$ 5,2 milhões, provenientes da emenda da bancada paulista na Câmara Federal, para o Programa de Apoio a



Prédio em Marília: UNESP destinou R\$ 2,6 milhões a projeto

Instituições de Ensino Superior Não Federais do Estado de São Paulo.

As prioridades foram definidas com base em um balanço das necessidades de infra-estrutura e equipamentos das unidades. "O Grupo Técni-

co de Investimento em Obras e Equipamentos da Aplo coleta essas informações após os resultados das reuniões das congregações locais", afirma o assessor-chefe da Aplo e vice-reitor Herman Jacobus Cornelis Voorwald.

Desse modo, foi finalizado o projeto "Apoio ao ensino de graduação da UNESP", enviado ao MEC. Com a aprovação do projeto e o complemento de R\$ 2,6 milhões, por parte da UNESP, os recursos também foram aplicados na construção de quatro prédios, que abrigam os laboratórios didáticos, nos câmpus de Assis, Bauru, Marília e Presidente Prudente – já prontos –, além da aquisição de equipamentos e implantação dos 22 laboratórios em Araçatuba, Araraquara, Bauru, Botucatu, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos e São José do Rio Preto.

Danilo Koga

BIBLIOTECAS

Coordenadoria renova página na Internet

Banco de dados disponibiliza 520 mil registros bibliográficos e 1,3 milhão de itens

A Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB) inaugurou, no dia 17 de março, sua nova página na internet, hospedada no Portal UNESP, com banco de dados bibliográficos unificado, o Athena. O objetivo das alterações, segundo Margaret Alves Antunes, coordenadora da CGB, é dar mais agilidade aos acessos e facilitar a consulta dos usuários.

O Athena reúne dados das 32 unidades universitárias e torna disponíveis 520 mil registros bibliográficos e 1,3 milhão de itens. Ainda de acordo com a coordenadora, os cerca de cem mil usuários cadastrados agora têm acesso a todas as sub-bibliotecas do catálogo on-line por uma única interface, ou seja, um mesmo sistema operacional. "Atualmente a rede de bibliotecas possui uma média de cinco mil empréstimos diários", enfatiza.

O novo site também facilita a consulta ao catálogo de Periódicos da UNESP, Portal Periódicos Capes e SciELO, entre outros. O servidor que abrigará o Athena recebeu, ainda, a atualização de seu software Aleph, destinado ao gerenciamento de bibliotecas e centros de documentação.

Ponto de ingresso dos recursos disponíveis para a comunidade acadêmica da UNESP, o novo site da CGB segue o padrão proposto pela Universidade para suas páginas na Internet. "Além de facilitar a administração, a unificação da base de dados também melhorou o processo de inclusão de registros", esclarece Margaret.

Acesse o novo site: www.unesp.br/cgb

Danilo Koga



Site segue normas da Universidade para páginas na Internet

LEITURA DINÂMICA

TARJA PRETA

O Centro Acadêmico da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) do câmpus de Araraquara lançou, em março, uma nova edição do *Tarja Preta*, jornal desenvolvido pelos membros da entidade. Um dos destaques desse número são as reformas que acontecerão na Unidade, que receberá novo prédio, estacionamento e sistema de segurança. A publicação enfoca ainda o saldo da greve que ocorreu na Universidade em 2007, além de informações sobre as entidades estudantis da UNESP de Araraquara. (José André Ferreira de Castro, bolsista UNESP/Universia/FCF/Araraquara)

JORNAL INTERNO

O jornal *Tardigrado*, nome que provém do invertebrado marinho pertencente ao filo Tardigrada, cujo significado é "o que se desloca lentamente", é o novo veículo dos estudantes de Ciências Biológicas do Câmpus do Litoral Paulista, em São Vicente. Elaborado pelos alunos Cyro Assahira e Glauco Barreto, o informativo surgiu da necessidade de estimular a reflexão do corpo discente. As edições serão quinzenais, com tiragem de 50 cópias. Críticas, opiniões ou sugestões devem ser enviadas para cyruluzindo@gmail.com (Felipe Augusto Zonusso Souza, bolsista UNESP/Universia/CLP/São Vicente)

RECEPÇÃO AOS CALOUROS

Entre os dias 3 e 7 de março, os novos alunos da unidade de Rosana conheceram os responsáveis pela coordenação, diretoria técnico-acadêmica, diretoria técnico-administrativa, biblioteca e seção de graduação. Eles também foram apresentados às áreas de pesquisa do curso de

Turismo, além dos projetos de extensão e seus coordenadores. Houve plantio de árvores, gincana realizada pela Atlético e trote solidário com arrecadação de alimentos, roupas, calçados, brinquedos e livros, que foram doados para projetos desenvolvidos ou apoiados pela unidade. (Lucas Carbonero Molino, bolsista UNESP/Universia/Rosana)

VISITA

Dia 4 de março, a Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA), câmpus de Botucatu, recebeu a visita dos professores Peter Zuurbier e Jos Van de Vooren, da Universidade de Wageningen, da Holanda. Eles são representantes do escritório de relações internacionais da América Latina da instituição e cuidam de parcerias nas áreas de agricultura, tecnologia de alimentos, ciências florestais e ambientais, biodiversidade e biocombustíveis entre outros temas. "Podemos dividir conhecimento para somar resultados", sugere Zuurbier. (Hélio Mokoto Uemuro, bolsista UNESP/Universia/FCA/Botucatu)

ESCRITORES DA SICÍLIA

A Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, realiza, nos dias 7, 14 e 28 de abril, o curso de extensão "A Sicília e seus escritores", promovido pelo Centro Italo-Luso-Brasileiro de Estudos Linguísticos e Culturais (Cilbelc). A atividade faz parte do projeto "Ampliando os horizontes do saber", com financiamento do Programa Ciência na UNESP e parceria com a Fundação Legião Mirim, de Assis. O curso será ministrado pela professora Patrícia Peterle, do Departamento de Letras Modernas. Informações: patriciapeterle@terra.com.br (Emanuel Ângelo Nascimento, bolsista UNESP/Universia/FCL/Assis)

AGRONEGÓCIO

Dia 6 de março, o docente Wagner Luiz Lourenzani, da

UNESP de Tupã, realizou uma palestra na Escola Técnica Estadual Dr. Luiz César Couto, em Quatá (SP), sobre o tema "A importância do agronegócio brasileiro". A Escola, incorporada ao Centro Paula Souza em 1993, possui cerca de 70 alunos de todo o País. A palestra foi oferecida para os estudantes dos cursos Tecnologia de Alimentos e Gestão Ambiental e abordou conceitos do agronegócio e o papel do Brasil nesse setor. (Ano Elizo Pimento Moreira, bolsista UNESP/Universia/Tupã)

MEDULA ÓSSEA

Como parte do Trote Solidário da Semana dos Calouros, foi realizada no câmpus de Presidente Prudente, entre os dias 25 e 26 de fevereiro, a Campanha de Doação de Medula Óssea. A atividade é resultado da parceria do Hemocentro de Marília com o grupo Madu Medula de Presidente Prudente e é realizada por estudantes voluntários da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista). A Campanha cadastra e coleta 10 ml de sangue para o teste de compatibilidade. Os cadastros vão para o Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea. (Deise Compos Curcino, bolsista UNESP/Universia/FCT/Presidente Prudente)

CURSINHO

Em 2008, o Cursinho Pré-Vestibular da UNESP de Dracena aprovou oito alunos no vestibular de universidades públicas e um estudante em escola técnica. O cursinho prepara alunos oriundos da rede pública, com comprovada carência socioeconômica, para a participação nos exames. Com a coordenação do docente Juliano Fiorelli, as aulas são ministradas por estudantes do curso de Zootecnia e professores da comunidade, no período noturno. (Ives Rodolfo Fernandes, bolsista UNESP/Universia/Dracena)



Física em cartaz nas escolas

Iniciativa leva a toda a rede de ensino médio do País dados sobre estrutura elementar da matéria

O objetivo do projeto “Estrutura elementar da matéria: um cartaz em cada escola” é levar a todas as 24.131 escolas públicas e particulares brasileiras de ensino médio os principais conceitos estabelecidos no século XX numa das áreas fundamentais da Física. A iniciativa foi lançada em março no Centro Regional de Análise de São Paulo (Sprace), no Instituto de Física Teórica (IFT), em São Paulo.

O projeto promoveu o envio a cada escola de duas cópias do cartaz com o conhecimento sobre a estrutura da matéria, sua relação com as forças da natureza, como a eletromagnética e gravitacional, e a escala de grandeza das partículas. “Há uma defasagem de 70 a 100 anos entre essas descobertas da Física e o que os alunos aprendem no ensino médio”, explica Sérgio Novaes, coordenador do projeto e professor do IFT.

Os cartazes também serão distribuídos para todos os institutos de Física das instituições federais de educação superior. Além dos cartazes, as escolas receberão 25 mil folhetos com informações para que os profes-



Segundo Novaes, material busca eliminar defasagem entre as descobertas da Física na década XX e a que é ensinado em sala de aula

sores possam responder às questões levantadas pelos alunos.

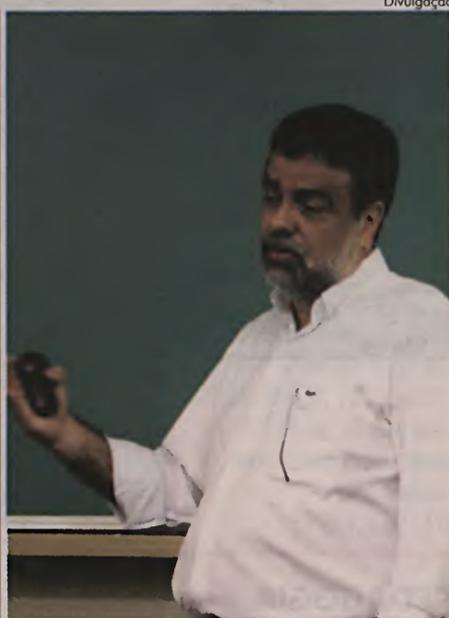
O Centro elaborou, ainda, um site (www.sprace.org.br/eem/) com informações sobre as partículas elementares. “Para aguçar os jovens, os cartazes trazem palavras e con-

ceitos que eles não compreenderão de imediato. Queremos, assim, que eles perguntem a seus professores e pesquisem o tema”, esclarece Novaes.

Uma outra ferramenta que o projeto disponibiliza para as escolas é o sistema de videoconferência EVO

(Enabling Virtual Organizations), que permite a realização de palestras. O projeto tem apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da UFABC.

Daniel Patire e Dênio Maués



GEOGRAFIA

Dataluta amplia divulgação de informações

Banco de dados reúne informações de movimentos camponeses de luta pela terra em todo País

Em fevereiro, o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária (Nera), do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, implantou uma nova estrutura para a divulgação das informações produzidas pelo projeto Banco de Dados da Luta pela Terra (Dataluta).

Com o apoio do Programa Permanente de Divulgação da Ciência na UNESP, ligado à Vice-reitoria, o Nera cadastrou grupos de pesquisas e

pesquisadores de todo o País que trabalham temas afins, bem como as organizações do setor, para enviar mensalmente as informações produzidas pelo banco de dados.

O Dataluta, criado em 1998 pelo geógrafo Bernardo Mançano Fernandes, professor da FCT, organiza dados de ocupações e assentamentos, informações dos movimentos camponeses de luta pela terra e, desde 2005, da estrutura fundiária do País. É desenvolvido por alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores e professores ligados ao Nera.

“Hoje, temos o banco de dados mais completo do Brasil, pois reunimos informações de ocupações da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e da OAN (Ouvidoria Agrária Nacional), que, confrontadas, nos oferecem uma leitura mais ampla que os próprios dados organizados pelas fontes originais”, diz Mançano, que coordena o Núcleo e o projeto. O banco de dados mostra que, por exemplo, em 2006, a CPT registrou 71 ocupações de terra em São Paulo, enquanto a OAN contabilizou 72. Contudo, após o confronto das informações, o grupo encontrou 111 ocupações.

Daniel Patire

EDUCAÇÃO FÍSICA

“Super-ação” combate obesidade infanto-juvenil

Projeto que já beneficiou 300 adolescentes e crianças firma parcerias com universidades

Por meio do projeto “Super-ação”, as crianças da comunidade vizinha da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, recebem acompanhamento nutricional e psicológico e desenvolvem atividades físicas sob a orientação de professores e alunos de Educação Física.

Destinado a promover hábitos saudáveis e combater a obesidade precoce, o projeto, implantado em 2001 pelo Departamento de Educação Física, passou a ser contemplado, em 2007, com o auxílio do Programa Permanente de Divulgação da Ciência na UNESP, ligado à Vice-reitoria. “Com os dados obtidos com o projeto, apresentamos um grande número de trabalhos em congressos e tivemos artigos publicados em periódicos científicos sobre o combate à obesidade infantil”, diz o professor Ismael Forte Freitas Júnior, coordenador do projeto.

Já foram atendidos cerca de 300 crianças e adolescentes, entre 6 e 15 anos. Divididos em três grupos, de

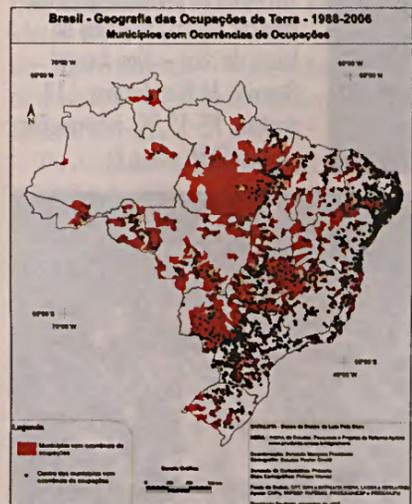
acordo com a faixa etária, eles têm atividades físicas três vezes por semana, com duração de uma hora por dia, e atendimento semanal com psicólogos e nutricionista, além de acompanhamento clínico. São também realizadas avaliações físicas periódicas nos participantes.

Este ano, o “Super-ação” aumentou o tempo de atividades físicas com a prática de natação, além da avaliação postural, com o apoio do Departamento de Fisioterapia. Também foram feitas parcerias com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e o Departamento de Psicologia da Universidade do Oeste de São Paulo.

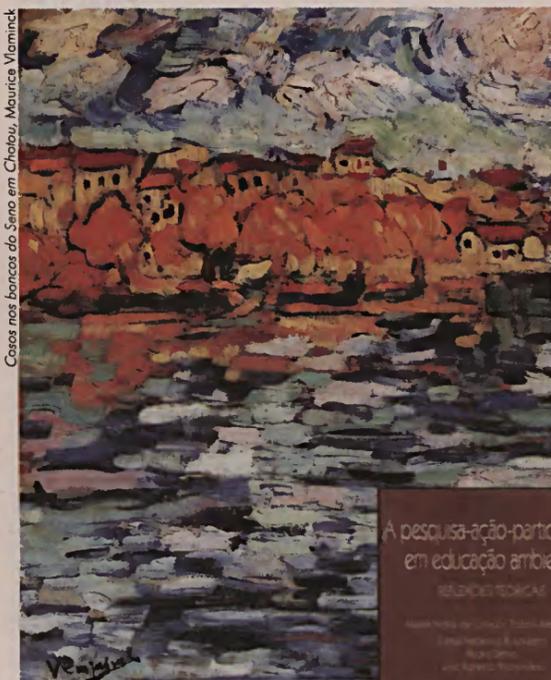
Daniel Patire



Proposto otende público de óreo vizinho do câmpus



Mopo mostra ocupações realizadas em território brasileiro até a ono de 2006



EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Reflexões teóricas

Organizado por Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis, docente do Instituto de Biociências, câmpus de Botucatu, este livro apresenta referências teórico-metodológicas que contribuem para a construção da pesquisa-ação-participativa em educação ambiental como alternativa às formas tradicionais de produção de conhecimentos científicos. Para a professora, a educação ambiental no Brasil vive um momento de expansão. “Por um lado, uma parte ainda significativa de pesquisas em educação ambiental carece de rigor teórico e, em especial, metodológico, mas, por outro, a pujante produção acadêmica dos últimos anos e, por conseqüência, a organização e realização de um número significativo de eventos sobre a educação ambiental e a pesquisa em educação ambiental fizeram crescer a preocupação com a metodologia de pesquisa”, comenta.

A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas – Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis (organizadora); Annablume Editora; 166 páginas; R\$ 25,00. Informações: www.annablume.com.br



EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Municipalização do ensino

A ampla experiência como professor, desde a educação básica aos cursos de pós-graduação no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto, e como secretário de Educação do município, entre 1997 e 2000, somada à falta de livros dedicados ao ensino municipal local levaram Gentil de Faria a publicar esta obra. O livro enfoca a trajetória da educação primária da cidade desde 1893 até os dias atuais, reproduzindo e analisando textos históricos como a Lei Estadual 228, de 1893, que menciona a criação de “duas cadeiras de instrução primária, na vila do Rio Preto”. O autor aborda também as vantagens e dificuldades no processo de “municipalização” do ensino, além de comparar a educação praticada em Rio Preto com a de outras cidades.

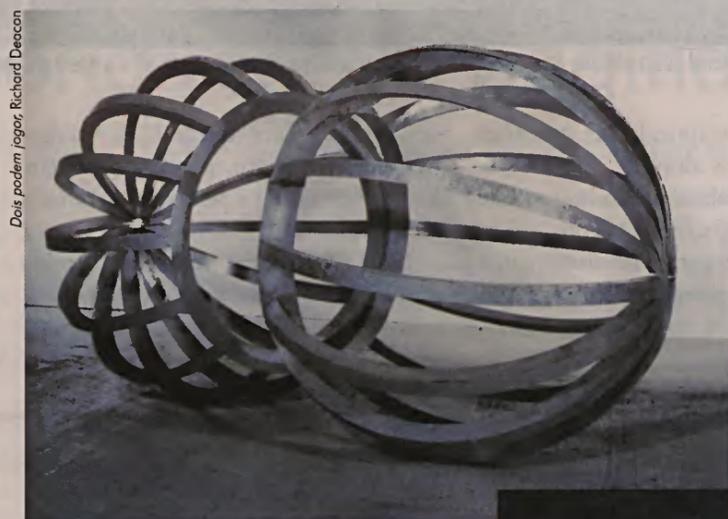
A educação primária em Rio Preto: o processo de municipalização do ensino – Gentil de Faria; THS/Arantes Editora; 292 páginas; R\$ 50,00. Informações: (17) 3227-6319.

PEDAGOGIA

Mediação dialética

Para os autores deste livro, embora a idéia principal da didática tradicional – de que o professor é o detentor do conhecimento e que o aluno é mero aprendiz – venha sendo questionada, não há propostas bem fundamentadas que levem à sua superação. A partir da categoria da mediação, formulada por Hegel e Marx, os docentes Edilson Moreira de Oliveira, José Luís Vieira de Almeida e Maria Eliza Brefere Arnoni, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto, fogem às dicotomias que cerceiam a área de pedagogia, como teoria x prática, ensino x aprendizagem, forma x conteúdo, apresentando uma proposta de abordagem metodológica de trabalho educativo, elaborada a partir de uma articulação entre método, metodologia e lógica. “A obra é um convite ao debate”, afirma Almeida.

Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática – Edilson Moreira de Oliveira, José Luís Vieira de Almeida e Maria Eliza Brefere Arnoni; Edições Loyola; 180 páginas; R\$ 22,00. Informações: (11) 6914-1922; vendas@loyola.com.br; www.loyola.com.br



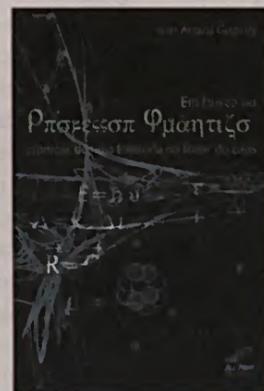
CRÔNICAS

Professor quântico

Professor do Instituto de Biociências, câmpus de Botucatu, Ivan Amaral Guerrini, neste livro, reúne crônicas, publicadas no site Usina de Letras (www.usinadeletras.com.br), que ilustram bem o seu pensamento sobre o sentido da ciência e da educação no mundo contemporâneo. “É preciso ousar e criar com alegria na educação”, afirma. Entre os assuntos abordados, estão o robô e os níveis da Física Quântica, conexões atemporais, os segredos quânticos do universo, farisaísmos acadêmicos, educação transcendente e medicina do sutil. “O professor quântico procura descobrir em si

as várias dimensões do mistério de vida e os níveis de profundidade da indagação humana”, comenta Sydney Meana, terapeuta holístico, no prefácio da obra.

Em busca da professor quântica: crônicas de uma trajetória no limiar do caos – Ivan Amaral Guerrini; All Print Editora; 112 páginas; R\$ 19,90. Informações: guerrini@ibb.unesp.br



ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

Pedagogia da possibilidade

O desafio deste livro é buscar a especificidade da administração escolar com base em princípios de Paulo Freire, autor que não se dedicou ao tema. Sua perspectiva do assunto, porém, é a organização da escola em bases democráticas. “Sob esse prisma, entende-se que cabe a ela, em particular, elaborar coletivamente sua própria metodologia de trabalho, uma concepção que exige do diretor de escola o aprendizado de vários saberes: o técnico, o político e o humano”, diz a autora, Márcia Regina Canhoto de Lima, docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente. A educadora busca delinear um perfil de profissional que seja capaz de atuar numa perspectiva dialógica, além de propor o combate, na unidade escolar, ao “marasmo e fatalismo” presentes na educação.

Paula Freire e a administração escolar: a busca de um sentido – Márcia Regina Canhoto de Lima; Liber Livro Editor; 148 páginas; R\$ 22,00. Informações: (61) 3965-9667; editora@liberlivro.com.br; www.liberlivro.com.br



Análise do tecido social da moda

Obra avalia relações e geração de status em setores ligados à criação e comercialização de roupas

OSCAR D'AMBROSIO

O termo “moda” engloba diversos estilos, que recebem as mais variadas influências. Ela está relacionada a modos de se vestir, de se pentear e de se comportar. Por isso, é cada vez mais vista como um fenômeno sociocultural que expressa os mais diferentes valores. Em síntese, trata-se de um complexo sistema, como já indicou Gilda de Mello e Souza, no seu texto clássico, de 1950, *A moda no século XIX*.

A *experiência do status: roupa e moda na trama social*, do cientista social Alexandre Bergamo, segue esse raciocínio realizando um estudo socioantropológico da moda e seus atores. Com esse objetivo, parte da observação dos eventos e do jornalismo de moda no Brasil, principalmente em São Paulo, na década de 1990.

Docente da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, Bergamo ressalta como a moda ajuda a inserir pessoas em alguns “grupos de status”. Seu principal foco é o reconhecimento que o mundo da moda propicia em termos de prestígio e legitimidade àqueles que criam, comercializam e exibem roupas.

O autor penetra o universo das faculdades e das revistas de moda, lojas populares e de luxo, anúncios publicitários, noticiário, figurino de novelas e guias de etiqueta e estilo, além de depoimentos e entrevistas, para revelar que a moda não tem um epicentro nos estilistas e desfiles, mas constitui, sim, um vasto



e capilar universo de influências com uma grande multiplicidade de agentes e interesses sociais.

As interações, conflitos, jogos e ilusões que impregnam esse universo são discutidos sempre tendo em vista o significado das roupas, geralmente definido por dois conceitos: “elegância”, termo muito utilizado pelos consultores de moda e de ampla difusão pela mídia, e “atitude”, geralmente vinculado ao que é vestido pelas camadas populares.

Estilistas como Alexandre Herchcovitch e Thais Losso, a divulgadora de moda Lais Person, que ajudou a fundar as principais escolas de moda do País, como a Santa Marcelina, a Anhembi-Morumbi e a Unip, entre outras personalidades, são mencionados numa pesquisa voltada para a discussão de como a moda fortalece traços distintivos entre as pessoas, tanto em termos de relações humanas como de juízos de valor sobre si mesmas e sobre os outros.



A experiência do status: roupa e moda na trama social — Alexandre Bergamo; Editora UNESP; 232 páginas; R\$ 49,00. Informações: www.editoraunesp.com.br ou telefone (11) 3242-7171.

LITERATURA

Resgate de uma sátira paulistana

Estudo focaliza romance *Madame Pommery*, que ironizou vida social na cidade no início do século XX

Considerado geralmente pela crítica uma sátira pré-modernista, o romance *Madame Pommery*, de Hilário Tácito, publicado em 1920, conta a trajetória bem-sucedida de Ida Pomerikowski, uma prostituta que organizou a vida noturna de São Paulo, transformando-a em lucrativa empresa graças aos ricos coronéis e ingênuos bacharéis.

O estudo *Entre a biblioteca e o bordel: a sátira narrativa de Hilário Tácito*, de Sandra A. Ferreira, destaca dois aspectos do livro: a visão de uma época e, principalmente, o entendimento da sátira como forma narrativa que permite expor “um manifesto das idéias e da posição intelectual de seu autor”. Nesse aspecto, a ironia é “vinculada tanto ao universo desarticulado da sociedade paulistana quanto ao horizonte da arte narrativa”.

Professora do Departamento de Lingüística da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis, a autora, à luz das transformações paulistanas nos primeiros anos do século XX, estuda a caracterização das personagens, inclusive do próprio narrador, Hilário Tácito, cujo nome verdadeiro era José Maria de Toledo Malta (1885-1951). Sandra também valoriza as qualidades literárias do romance, considerado de costumes, com ênfase na ironia e na vivacidade da sátira.

de um *Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, e até mesmo *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Engenheiro responsável por construções como a do Edifício Martinelli, entre os anos de 1930 e 1940, além de enxadrista e amigo de Monteiro Lobato, com quem trabalhou na *Revista do Brasil*, Tácito dividiu seu romance em oito capítulos, com cortes que remetem a tempos anteriores à ação narrativa.

Para a pesquisadora, *Madame Pommery* efetua uma espécie de crônica de São Paulo. Ao mesmo tempo, inova em termos temáticos ao eleger a prostituição como atividade de inserção social, e se coloca como anunciadora da literatura modernista principalmente pelos seus personagens, que funcionam como tipos e caricaturas, algo bem ao gosto de Oswald de Andrade.

O estudo de Sandra tem o grande mérito de tirar a produção de Tácito do relativo esquecimento em que se encontra, tratando-a como “um marco da fase pré-modernista, que, se não pretende a excelência, também não pode ser posta de lado como obra de pouco quilate”. (O.D.)



Entre a biblioteca e o bordel: a sátira narrativa de Hilário Tácito — Sandra A. Ferreira; Editora UNESP; 132 páginas; R\$ 24,00. Informações: www.editoraunesp.com.br

Traços inovadores

Nesse sentido, é possível encontrar parentescos de *Madame Pommery* com obras como *Memórias*





Integrantes do equipe que atuou no Pará: trabalho com gestores, educadores e população



Membros do grupo que trabalhou em Sergipe: apoio o portadores de necessidades especiais

Universidade participa do Rondon

Professores e alunos realizaram atividades na área social em dois municípios do Pará e de Sergipe

Duas equipes da UNESP participaram do Projeto Rondon em 2008. Em janeiro e fevereiro, os grupos, formados por seis alunos e quatro professores cada um, desenvolveram trabalhos na área de saúde, bem-estar e gestão pública, nos municípios de Muribeca, em Sergipe, e Mocajuba, no Pará.

A equipe da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, coordenada pelos professores Sergio Azevedo Fonseca e Roberto Carlos Miguel, integrou a Operação Grão-Pará, que atuou no Pará e no Piauí. Entre 11 e 27 de janeiro, o grupo trabalhou com gestores públicos, educadores e moradores de Mocajuba. “As atividades realizadas junto à população superaram as expectativas”, afirma Miguel.

Uma das ações envolveu reuniões com comunidades ribeirinhas, para

discutir princípios ambientais ligados às atividades agrícolas, de saneamento e tratamento de resíduos. O grupo também ajudou a elaborar um cartadocumento para as autoridades municipais, com reflexões e reivindicações da juventude local.

Reunião na Reitoria

Já a equipe liderada pela professora Kátia Regina Roseiro Coutinho, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, e pelo professor Francisco Gouveia Junior, da Faculdade de Ciências (FC), de Bauru, participou da Operação Verão 2008, que promoveu o retorno das universidades aos municípios que integraram a Operação Centenário da Comissão Rondon, em 2007.

Em Muribeca, entre 8 e 24 de feve-

reiro, o grupo promoveu a capacitação de representantes locais nas áreas de educação, saúde física, mental e bucal, ambiente, botânica, engenharia florestal e resgate histórico.

Um dos destaques dessa ação foi o trabalho com a família de portadores de necessidades especiais. “Junto a representantes da ação social, saúde e educação, iniciamos conversas para a criação de uma associação de pais dos excepcionais”, ressalta Kátia. Outra iniciativa bem-sucedida foi a produção de uma cartilha elaborada pela aluna Ana Lais da Rocha, terceiranista de Biologia da FCL/Assis, sobre plantas medicinais locais.

No dia 6 de março, os coordenadores das equipes se reuniram, na Reitoria, com a pró-reitora de Extensão Universitária (Proex), Maria Amélia

Máximo de Araújo, e a assessora da Proex, Loriza Lacerda de Almeida. No encontro, foram discutidos os pontos positivos e negativos das atividades, para o aperfeiçoamento dos trabalhos em futuras participações da Universidade no Rondon. “Além disso, visamos trabalhar cooperativamente com o Ministério da Defesa, eventualmente enviando sugestões às autoridades”, afirma Loriza.

Satisfeita com os trabalhos realizados pelas equipes, a pró-reitora Maria Amélia cita a importância da atividade de extensão. “A partir de um projeto de extensão, podemos integrar o ensino e a pesquisa, e os resultados desta articulação se verificam nas ações desenvolvidas nas comunidades visitadas”, comenta.

Danilo Koga

ARTES VISUAIS

Integração Brasil-Japão é tema de mostra na capital

Estudantes do Instituto de Artes apresentaram obras com referências à cultura nipônica

Para celebrar os cem anos do Budismo Primordial e da Cultura Japonesa no Brasil, foi realizada em março, no Templo Central Nikkyoji, em São Paulo, a exposição Integração Brasil-Japão. Dez artistas mostraram seus trabalhos, com curadoria de Gláucia Gomes, formada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes (IA), Roberta Fialho, pós-graduada do IA, e Massae Santo, docente de língua japonesa no Templo.

Gláucia Gomes apresentou obras

que exploram as possibilidades plásticas das árvores. As criações de Liane Iwahashi focalizam caminhos plásticos sugeridos pela Avenida Paulista. Por meio de desenhos, Roberta Fialho aproxima imagem e escrita japonesa.

Com fotografias de descendentes de japoneses cortadas em tiras penduradas, Glória Coelho sugere um diálogo entre sagrado e profano. Akira Sanoki vale-se de recursos digitais para fazer referências às formas de composição orientais.

Alexandre Manoel exibiu retratos, que, na realidade, são caveiras estilizadas.

Igor Shin expôs um vídeo que trabalha com dinamismo e continuidade de linhas. Com explorações de uma mesma fotografia, Júlio César recorre a silêncios próprios da arte japonesa.

Os trabalhos de Sheila Oi e Thamires Mizobe, única participante não formada pelo IA, fazem referência aos mangás.

Oscar D'Ambrosio



Público observa trabalhos expostos em SP



EVENTOS

Desafio Sebrae 2008 abre inscrições

Foi lançada, em São Paulo, no dia 10 de março, a etapa estadual do Desafio Sebrae 2008. O jogo virtual, com inscrições abertas até 30 de abril, tem como objetivo despertar a capacidade empreendedora em universitários. A meta para este ano é atingir 15 mil inscritos no Estado.

O Desafio Sebrae reúne equipes de 3 a 5 participantes que devem gerenciar, virtualmente, uma em-



presa – que, nesta oitava edição, é ligada ao ramo de calçados femininos.

Os participantes passam por cinco fases. Nas três primeiras, jogam via Internet e, nas outras duas, os finalistas de cada Estado se enfrentam pessoalmente. Estudantes de graduação de todo País podem se inscrever por meio do site www.desafiosebrae.com.br

Informações: (11) 3177-4905 ou marcelleac@sp.sebrae.com.br

Abril a novembro - Ilha Solteira. 1º Ciclo de Palestras sobre Gerenciamento de Recursos Hídricos. No Departamento de Engenharia Civil da FE. Informações: (18) 3743-1211.

1º/04 - São Paulo. Início do Curso de Especialização em Negociações Econômicas Internacionais da UNESP, com apoio do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da UNESP, Unicamp e PUC/SP. Informações: reinter@reitoria.unesp.br e (11) 3101-0027/3308.

1º a 4/04 - São Paulo. Curso Montagem e funcionamento de livreria independente, com Aldo Bocchini Neto. Das 18 h às 21 h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108. Informações: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555, universidadedolivro@editora.unesp.br

7/04 - Prêmio da Fundação Altran. Último dia para a inscrição. Tema: "Redução dos níveis de CO₂ na atmosfera: nosso desafio tecnológico!". Informações: www.altran-foundation.org ou marketing@altran.com.br

7 a 9/04 - Edimburgo, Escócia. Simpósio Internacional de Genômica Funcional Animal. Informações: <http://ebrc-launch.org/ISAFG/index.html>

7 a 10/04 - Marília. II COFICM - Colóquio de Filosofia Moderna e Contemporânea: Frege filósofo. No Anfiteatro I da FFC. Informações: saepe@marilia.unesp.br e www.marilia.unesp.br/ eventos

8 a 11/04 - São Paulo. Curso Design Visual por Alexandre Wallner - Sistemas de identidade visual pelos processos analógico e digital. Das 18 h às 21 h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108. Informações: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555, universidadedolivro@editora.unesp.br

9/04 - Araraquara. Seminário GPCGP. Palestra de Daniele Theuer Linke, da Universidade de Tübingen, Alemanha. Das 19 h às 21 h. No Anfiteatro C da FCL. Inscrições e informações: <http://pitagoras.fclar.unesp.br/inscricoes>, (19) 9789-2440, vapires@terra.com.br, www.pires.pro.br

9 a 11/04 - Campinas. IV Conasss (Congresso Nacional de Serviço Social em Saúde) e VII Simpss (Simpósio de Serviço Social em Saúde). Realização: USP, Unesp e Unicamp. Informações: (15) 3967-1003, conasss@oxfordeventos.com.br

10 a 17/04 - Jaboatão. III Encontro Confinamento: Gestão Técnica e Econômica. No Centro de Convenções "Prof. Ivaldo Melito da FCAV. Informações: (16) 3209-1300, no Setor de Eventos da Funep, www.funep.com.br/ eventos

15 a 17/04 - Jaboatão. I Simpósio Paulista de Nutrição de Plantas Aplicada a Sistemas de Alta Produtividade. No Centro de Convenções "Prof. Ivaldo Melito" da FCAV. Informações: (16) 3209-1300, no Setor de Eventos da Funep, www.funep.com.br/ eventos

15 a 17/04 - Marília. V Seminário Direitos Humanos no Século XXI: VII Semana da Mulher "Educação, Direitos Humanos e Segurança Pública". Na FFC. Informações: saepe@marilia.unesp.br

15, 17, 22 e 24/04 - São Paulo. Curso produção Editorial. Módulo Avançado: teoria e prática, com Eliana Sá. Das 18 h às 21 h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108. Informações: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555, universidadedolivro@editora.unesp.br

16, 23 e 30/04 - São Paulo. Curso As contribuições da gramática para o texto, com Francisco Roberto Savioli (Platão). Das 18 h às 22 h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108. Informações: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555, universidadedolivro@editora.unesp.br

24 a 26/04 - Botucatu. VII Workshop da Pós-graduação em Ciências Biológicas. No IB. Informações: www.ibb.unesp.br/ eventos/wspg/index.php

25/04 - Araraquara. Inscrição para apresentação de trabalhos no XXIII Semana de Estudos Clássicos. V Encontro de Iniciação Científica em Estudos Clássicos Cultura Clássica: inter-relações e permanência, a ser realizado de 18 a 21/08. Informações: 23sec@fclar.unesp.br e www.fclar.unesp.br/23sec

25/04 - Araraquara. Término da prazo para envio de trabalhos para a II Jornada Científica de Administração Pública, a ser realizada de 27 a 29/05. Na FCL. Realização: PET Administração Pública. Informações: (16) 3301-6200, ramal 6411, jornadapet@gmail.com, www.jornada.fclar.unesp.br

25/04 - Encerramento das inscrições para o I Prêmio Libertas: Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Informações: www.unesp.br/int_noticia_imgesa.php?artigo=3179

27 a 29/04 - Águas de Lindóia. I Fórum de Estudos e Práticas da UNESP. No Hotel Majestic. Informações: www.unesp.br/prograd/forum.php

O OUVIDOR FALA



Novo balanço semestral

JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

Em relatório de mais um semestre, a Ouvidoria Geral amplia progressivamente sua visão da UNESP pela recepção de problemas recebidos cotidianamente. Situamo-nos em posição estratégica em função da facilidade de acesso. Como se sabe, apresentam-se casos os mais diversos. Desde pedidos de informações, passando por queixas de alunos da Graduação e Pós-Graduação, até conflitos de todos os gêneros entre os membros dos vários segmentos da Universidade e da sociedade. É possível aproveitar toda essa experiência como um diagnóstico coletivo. Nota-se que há muito que corrigir. E, diga-se a bem da verdade, a Reitoria tem dado mostras de disposição por mudanças, levando em conta os problemas por nós relatados. É um dos retornos positivos do nosso trabalho.

Ainda há muita gente que não compreende as funções da Ouvidoria. Relembremos. Não se restringe qualquer tipo de questão. Entretanto, a primeira fase de análise é observar os fundamentos de cada problema apresentado. A maioria procede. Outros, entretanto, são carregados de subjetividade e envolvem conflitos pessoais. Analisada a consistência, a pendência é encaminhada aos órgãos e autoridades competentes dentro da UNESP. Temos o hábito de consultar o setor jurídico ou as pró-reitorias quando não nos sentimos seguros para esclarecer. Alguns consulentes entendem que o Ouvidor tem o poder de julgar e solucionar os seus casos. A nossa função, sublinhe-se, é a de intermediação, é garantir o acesso e direito de resposta, mas não a função de juiz. Solicitamos, com regular frequência, a colaboração de diretores que têm

se mostrado solícitos. Acreditamos que a ética e o bom senso devam prevalecer.

Neste relatório findo em março corrente, além das ocorrências mais comuns, registramos reclamações sobre concursos de ingresso de professores, funcionários e seleção para a pós-graduação. Os cuidados com a transparência nunca são demais. A divulgação amplamente aberta dos editais, com os critérios pormenorizados, evita problemas de precisão que ainda são invocados pelos reclamantes.

A Ouvidoria tem a obrigação de assegurar os direitos do usuário do serviço público. A propósito, é louvável o recente acrescentamento à Lei 10.294. O seu novo parágrafo 3º do Artigo 8º obriga afixar placas "em local de ampla visualização" das ouvidorias com telefone, outras vias eletrônicas e endereço. A UNESP cumprirá o adendo, informando sobre a ouvidoria local em cada câmpus. O mesmo fará a Ouvidoria Geral ampliando sua divulgação. Estamos certos de que essa medida aprimora o direito do cidadão que vive e busca a convivência na nossa Universidade. Continuaremos no 7º andar da Reitoria para oferecer todos os esclarecimentos possíveis aos colaboradores locais e aos que utilizam o serviço da Universidade.

Finalmente, devemos informar que os ouvidores dos câmpus não se obrigam a relatório, como a Ouvidoria Geral. Além do enviado ao reitor, temos a obrigação de prestar contas aos órgãos estaduais, que se organizam cada vez mais, para receber o balanço periódico da UNESP. Percebe-se, claramente, que os direitos se ampliam e trazem como corolário a contrapartida de todos os integrantes da comunidade para cumprir suas tarefas com rigor ético e cidadão.



Abstrato, Adolf Fleischmann



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari
Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçometa: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
Pró-reitor de Administração: Julio Cezar Durigan
Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
Pró-reitor de Pesquisa: José Arana Varela
Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
Secretário-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende
Assessora de Informática: Alberto Antonio de Souza
Procurador Jurídico: Edson César dos Santos Cabral
Assessorio de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbinati
Diretores/Coordenadores-executivos dos Unidades Universitárias: Pedro Felício Estrada Bernabé (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araçatuba), José Claudio Martins Segalla (FO-Araçatuba), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), Maysa Furlan (IQ-Araçatuba), Mário Sérgio Vasconcelos (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Sérgio Swain Müller (FM-Botucatu), Maria

de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-Botucatu), Mário de Beni Arrigoni (Dracena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Tânia C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Raul José da Silva Girio (FCAV-Jaboatão), Tullo Vigevani (FFC-Marília), Paulo Fernando Cirino Mourão (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benéz (Registro), Luiz Carlos Santana (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Rosângela Custódio Cortez Thomaz (Rosana), Carlos Roberto Ceron (Ibilce-São José do Rio Preto), José Roberto Rodrigues (FO-São José dos Campos), João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo), Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Elias José Simon (Tupã).



Governador: José Serra
SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR
Secretário: Carlos Vogt

Jornal unesp

Assessor-chefe: Maurício Tuffani
Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
Editor: André Louzas
Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella
Programação Visual: RS PRESS Editora
Editor de arte: Sidney João de Oliveira
Diagramação: Leonardo Fial
Colaborador nesta edição: Noélia Ipê e Luiz Zimburg (fotografia); Cinthia Leone, Danilo Koga e Igor Zolnerkevic (texto); Daniel Patire (texto e fotografia)
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Versão on-line: Paulo Rocha
Tiragem: 25.000 exemplares
 Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
Home page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fatalito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.



Panorama de Belém da Pará após a chuva, Joseph Leon Righini



Belém retratada em 1879: para escitar, região deveria ser um elo de ligação com a Ásia e, para isso, propôs obras como a Ferruvia Transacreatana, para aproximar a Brasil da Oceano Pacífico

A Amazônia na visão de Euclides

Textos menos conhecidos do autor de *Os sertões* enfatizaram importância da região para o País

Quando pensamos no escritor Euclides da Cunha, logo lembramos de sua obra-prima, *Os sertões*, sobre o conflito de Canudos, na Bahia. No entanto, o jornalista fluminense também se interessou por fronteiras, história hispano-americana, ação do homem na Amazônia e importância dessa região na história do Brasil.

Trabalhar com o material menos conhecido de Euclides foi justamente a motivação de Ieda Valquiria Magalhães Ramon em sua dissertação de mestrado *A Amazônia e o Pacífico em Euclides da Cunha*: no centro da história, apresentada na área de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara.

A pesquisa, orientada por Enrique Amayo Zavallos, da FCL, recupera temas de grande atualidade tratados pelo escritor e jornalista, como integração sul-americana, políticas públicas das nações da região, principalmente Brasil e Peru, com o propósito último de possibilitar uma saída nacional para o Oceano Pacífico. “Uma preocupação dele era estudar a utilização multimodal e transnacional dos meios de transporte”, comenta Ieda.

Para a pesquisadora, foi a partir de uma viagem à Amazônia que Euclides travou contato com esse amplo território, composto por um sistema hidrográfico invejável, já que a Bacia Amazônica inclui Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela. O autor de *Os sertões* assegurava estar no Pacífico a última fronteira de recursos econômicos que faltava para conectar o mundo inteiro, ligando China, Japão, Austrália, Ásia e Índia aos EUA. “Essas análises encontram reforço hoje, no momento em que o Brasil e a Ásia estão cada vez mais interligados economicamente”, comenta a socióloga.

Ênfase nos transportes

Ieda lembra que, na visita do presidente Lula a Pequim, em 2004, os dirigentes chineses enfatizaram a necessidade do escoamento da soja do Centro-Oeste brasileiro por algum porto no Pacífico, diminuindo as distâncias e, por conseguinte, os custos de importação. “Pensou-se então, como já apontava Euclides, num esforço conjunto de investimento na

recuperação da malha ferroviária onde exista saída desse produto”, lembra Ieda.

Os principais textos analisados pela pesquisadora são *O primado do Pacífico*, *A Transacreatana e Viação sul-americana*, reunidos no livro *À margem da História*, de 1909. “Sua proposta deve ser lida como a de um engenheiro que busca executar a modernização da nação recém-saída da administração monárquica”, esclarece Ieda. “Para alcançar esse objetivo, devido à sua especialidade profissional, indica os transportes. Para efetivá-la, descreve com acuidade e detalhamento técnico as ferrovias e as hidrovias.”

Ao fazer, por exemplo, o Relatório da Comissão Mista Brasileira Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, em 1906, Euclides revela sua indignação com o subaproveitamento desse rio, defendendo seu potencial de navegabilidade. “Transportes como ferrovia e hidrovias seriam os artefatos que auxiliariam no processo de consolidação da unidade nacional, interligando o Brasil do litoral com os demais Estados federativos e também com os vizinhos sul-americanos, tarefa imprescindível em um país de dimensões importantes e com população mal distribuída”, avalia a socióloga.

Novas fronteiras

A Transacreatana, nome dado à ferrovia arquitetada

por Euclides, teria múltiplos fins, como distribuir um povoamento muito centrado nos Estados parceiros do Oceano Atlântico e fazer crescer o tráfego na região acreana. “Ela ligaria o norte do Acre à cidade de Rio Branco, no sul, num projeto que corresponde ao que hoje resta da BR 364, aproximando consideravelmente o Brasil do Pacífico”, explica Ieda.

A pesquisadora considera o autor à frente de seu tempo, embora alerte que as análises de Euclides sobre temas como emergência dos mercados do Japão e da Ásia, imperialismo estadunidense e modernização pelos meios de transporte, publicadas em jornal, livros e cartas entre 1904 e 1909, foram escritas a partir de acontecimentos imediatos. “Ele enveredou por novas fronteiras e por temas que ainda não se punham por inteiro diante dos olhos e do entendimento de grande parte da intelectualidade brasileira”, comenta.

Euclides, para Ieda, sugeriu ser crucial para o Brasil integrar-se aos seus vizinhos da América do Sul, dedicando especial atenção ao Peru, sempre tendo em vista uma rota para o Pacífico. “Suas idéias a esse respeito podem ser consideradas visionárias. Ele intuía que esse esforço seria fundamental para o desenvolvimento do Brasil”, afirma.

Oscar D'Ambrosio



Sidney J. Oliveira

Experiência na floresta

O escritor, sociólogo, repórter, historiador e engenheiro Euclides da Cunha (1866-1909) teve um período amazônico. Em agosto de 1904, foi nomeado chefe da comissão mista brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus, com o objetivo de cooperar para a demarcação de limites entre o Brasil e o Peru. Ele partiu de Manaus para as nascentes do Rio Purus, chegando adoentado em agosto de 1905. Dando continuidade aos estudos de fronteiras, Euclides escreveu o ensaio *Peru versus Bolívia*, publicado em 1907. Seus escritos sobre a região foram reunidos postumamente, em 1909, em *À margem da História*, onde também denunciou a exploração dos seringueiros na floresta.

(O.D.)